



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE GEOGRAFIA-LICENCIATURA**

DARLAN FABIANE

**A GEOGRAFIA ECONÔMICA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO BOLETIM
GAÚCHO DE GEOGRAFIA NO PERÍODO DE 1974 A 1999: TEMÁTICAS,
ABORDAGENS E FASES**

ERECHIM

2017

DARLAN FABIANE

**A GEOGRAFIA ECONÔMICA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO BOLETIM
GAÚCHO DE GEOGRAFIA NO PERÍODO DE 1974 A 1999: TEMÁTICAS,
ABORDAGENS E FASES**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado como requisito para obtenção de grau de
Licenciado em Geografia da Universidade Federal da
Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Éverton de Moraes Kozenieski

ERECHIM

2017

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Fabiane, Darlan

A Geografia Econômica na produção científica do Boletim Gaúcho de Geografia no período de 1974 a 1999: temáticas, abordagens e fases/ Darlan Fabiane. -- 2017. 70 f.:il.

Orientador: Éverton de Moraes Kozenieski.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Geografia , Erechim, RS , 2017.

1. História do pensamento geográfico. 2. Geografia. 3. Geografia Econômica. 4. Boletim Gaúcho de Geografia. I. Kozenieski, Éverton de Moraes, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

DARLAN FABIANE

A GEOGRAFIA ECONÔMICA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO BOLETIM
GAÚCHO DE GEOGRAFIA NO PERÍODO DE 1974 A 1999: TEMÁTICAS,
ABORDAGENS E FASES

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Éverton de Moraes Kozenieski

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi defendido e aprovado pela banca em: 8 / 12 / 2017

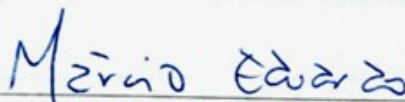
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Éverton de Moraes Kozenieski



Prof. Me. Robson de Olivino Paim



Prof. Dr. Márcio Freitas Eduardo

RESUMO

Este trabalho resgata aspectos da história da Geografia e, mais especificamente da Geografia Econômica produzida e veiculada no Boletim Gaúcho de Geografia, no período de 1974 a 1999, a partir de uma pesquisa bibliográfica de natureza básica e caráter exploratório. Os procedimentos metodológicos consistiram no acesso aos artigos disponíveis no endereço eletrônico <<http://seer.ufrgs.br/bgg>>, e na seleção e análise das publicações referentes ao campo da Geografia Econômica, objetivando identificar o perfil da Geografia Econômica presente no Boletim Gaúcho de Geografia. No período em estudo, identificou-se como principal temática a caracterização econômica de regiões e como abordagem predominante a analítico-descritiva. Dentre os temas centrais ou fases da Geografia Econômica predominou a organização do espaço. A temática comércio e a abordagem crítica ou dialética ganharam maior destaque na década de 1990, sendo as questões relativas ao desenvolvimento e ao subdesenvolvimento mais evidentes entre os anos de 1980 e 1989. O estudo envolveu 153 publicações, sendo 43 consideradas pertencentes à Geografia Econômica.

Palavras-chave: Geografia. Geografia Econômica. Boletim Gaúcho de Geografia.

ABSTRACT

This work rescues aspects of the history of Geography, and more specifically of the Economic Geography produced and published in the Gaucho Geography Bulletin, from 1974 to 1999, based on a bibliographic research of basic nature and exploratory character. The methodological procedures consisted of the access to the articles available at the electronic address <<http://seer.ufrgs.br/bgg>>, and in the selection and analysis of publications related to the Economic Geography field, aiming to identify the profile of Economic Geography present in the Gaucho Geography Bulletin. In the period of study, was identified as the main theme the economic characterization of regions, and as a predominant analytic-descriptive approach. Among the central themes or phases of Economic Geography, the organization of space predominated. The trade theme and the critical or dialectical approach gained greater prominence in the 1990s, with issues regarding development and underdevelopment more evident between the years 1980 and 1989. The study involved 153 publications, 43 being considered belonging to Economic Geography.

Keywords: Geography. Economic Geography. Gaucho Geography Bulletin.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Distribuição dos artigos publicados no BGG, período 1974-2016	32
Gráfico 02 – Percentual do total de artigos publicados no BGG, por década	33
Gráfico 03 – Artigos do BGG: número médio de páginas para cada ano	34
Gráfico 04 – Autores com mais de três artigos publicados no BGG, período 1974-2016	35
Gráfico 05 – Distribuição dos autores com mais de 3 artigos publicados no BGG (1974-2016), por instituição de ensino.	36
Gráfico 06 – Distribuição das temáticas da GE do BGG (1974-1999)	38
Gráfico 07 – Temáticas da GE do BGG na década de 1970	39
Gráfico 08 – Temáticas da GE do BGG na década de 1980	39
Gráfico 09 – Temáticas da GE do BGG na década de 1990	40
Gráfico 10 – Abordagens da GE do BGG (1974-1999), de acordo com Nunes (2000)	41
Gráfico 11 – Abordagens da GE do BGG, por década, de acordo com Nunes (2000)	41
Gráfico 12 – Abordagens da GE do BGG (1974-1990), de acordo com Alves (2012)	42
Gráfico 13 – Os temas centrais da GE do BGG (1974-1999)	43
Gráfico 14 – A GE do BGG e as principais correntes da Geografia	45
Gráfico 15 – A GE do BGG e as principais correntes da Geografia, por década	45

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 01 – Definições de GE	29
Tabela 01 – Distribuição dos temas centrais da GE do BGG (1974-1999), por década	44

LISTA DE SIGLAS

AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros

BGG – Boletim Gaúcho de Geografia

CNG – Conselho Nacional de Geografia

FEA – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade

GE – Geografia Econômica

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico

RBG – Revista Brasileira de Geografia

RS – Rio Grande do Sul

SBG – Sociedade Brasileira de Geografia

UB – Universidade do Brasil

UDF – Universidade do Distrito Federal

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

UGI – União Geográfica Internacional

UNIJUI – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

URCAMP – Universidade da Região da Campanha

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 JUSTIFICATIVA	10
1.2 OBJETIVOS	11
1.2.1 Geral	11
1.2.2 Específicos	11
1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 O PENSAMENTO GEOGRÁFICO: ANTECEDENTES DA GEOGRAFIA SISTEMATIZADA	14
2.2 A GEOGRAFIA SISTEMATIZADA	17
2.3 OS PRIMÓRDIOS DA GEOGRAFIA BRASILEIRA	21
2.4 A GEOGRAFIA ECONÔMICA	24
2.5 A GEOGRAFIA ECONÔMICA NO BRASIL	25
2.6 AS DEFINIÇÕES DE GEOGRAFIA ECONÔMICA	29
2.7 CLASSIFICANDO TRABALHOS DE GEOGRAFIA ECONÔMICA	30
3 A GEOGRAFIA ECONÔMICA DO BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA (1974-1999) ...	32
3.1 O BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA	32
3.2 A GEOGRAFIA ECONÔMICA (1974-1999).....	37
3.2.1 As temáticas	37
3.2.2 As abordagens	40
3.2.3 As fases ou temas centrais	43
3.2.4 A presença das principais correntes da Geografia	44
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE I	52
APÊNDICE II	63

1 INTRODUÇÃO

O conhecimento científico não é algo imutável. De tempos em tempos ocorrem mudanças das teorias, dos métodos e das temáticas. O paradigma dominante entra em crise, dando lugar a um novo paradigma, e o caminho seguido na busca da verdade científica passa a ser outro.

Se o conhecimento científico muda, com o conhecimento geográfico não é diferente. O conhecimento geográfico que na Grécia Antiga era do domínio da Filosofia, assume o *status* de ciência no século XIX, a partir da adoção dos métodos científicos, e de lá para cá continua sofrendo alterações, sendo que o estudo desta trajetória constitui um passo importante para que se possa ter maior entendimento da história do pensamento geográfico.

Ao pesquisar a história do pensamento geográfico encontramos número considerável de trabalhos, porém quando buscamos por uma subárea da Geografia e pelas produções referentes ao estado do Rio Grande do Sul (RS), percebemos uma lacuna. Não existem produções gaúchas relativas à trajetória da Geografia Econômica (GE).

A GE, sendo uma subárea da Geografia, também passou por mudanças gerais permanecendo em sincronia com toda a ciência geográfica. Mudou em relação à metodologia de pesquisa e em relação às temáticas e às abordagens. Neste sentido, considerando que existe uma trajetória de mudanças na ciência, na Geografia e na GE, buscando refletir a respeito da GE produzida no RS, interessa-nos saber: qual é o perfil da GE produzida e veiculada através dos artigos publicados no Boletim Gaúcho de Geografia (BGG), no período de 1974 a 1999?

1.1 JUSTIFICATIVA

Optamos por estudar o campo da GE por entendermos que o aspecto econômico tem sido cada vez mais importante e determinante no comportamento humano. Cada vez mais, as decisões têm sido balizadas pela economia. Na medida em que os homens se concentram no meio urbano, as temáticas relacionadas à GE se tornam mais importantes, uma vez que nas cidades quase tudo tem o seu preço. Além disso, com a globalização dos mercados e a transformação da agricultura voltada à produção de *commodities*, o meio rural também se orienta a partir dos mercados nacionais e internacionais.

O BGG “[...] é a publicação de caráter científico da Associação dos Geógrafos Brasileiros - seção Porto Alegre, trazendo artigos, notas, resenhas e outros textos inéditos, de interesse geográfico, escritos em português ou espanhol” (BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA, p. 1, 2017). Durante mais de quarenta anos, o periódico tem sido um dos principais veículos de propagação do conhecimento geográfico no RS, trata-se de uma publicação que é referência para a Geografia rio-grandense. Por meio do BGG podemos identificar a trajetória da Geografia, com as mudanças ocorridas em relação às temáticas, abordagens teórico-metodológicas e principais correntes do pensamento geográfico.

Os resultados desta pesquisa constituem uma primeira tentativa de classificação da GE produzida no RS, uma vez que não encontramos trabalhos neste sentido. Esta contribuição poderá incentivar estudos posteriores, no sentido de melhor classificar, valorizar e entender a GE do BGG, aprofundando o conhecimento da história do pensamento geográfico.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral

Compreender a trajetória da GE produzida e veiculada nos artigos publicados no BGG, entre 1974 e 1999.

1.2.2 Específicos

Classificar os artigos publicados no BGG, entre 1974 e 1999, que possuem temáticas relacionadas à GE;

Avaliar os artigos do campo da GE, dentro do período em estudo, quanto às suas principais temáticas e abordagens teórico-metodológicas.

1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de natureza básica e de caráter exploratório, de acordo com o entendimento de Silva e Menezes (2005). Entendemos por pesquisa bibliográfica, aquela que se utiliza de materiais já publicados, sendo de natureza básica quando pretende trazer conhecimentos novos, mas não prevê uma aplicação prática de

imediatos para estes conhecimentos. Por ser uma pesquisa direcionada aos artigos do BGG, ou seja, uma pesquisa bibliográfica, seu caráter se define como exploratório.

A primeira etapa do trabalho consistiu na aquisição dos artigos publicados no BGG entre os anos de 1974 e 2016 disponíveis gratuitamente para “download” no endereço eletrônico <<http://seer.ufrgs.br/bgg>>. Ao todo foram obtidos 380 artigos.

Obtidos os artigos, efetuamos a primeira filtragem, separando os trabalhos que tratavam de aspectos relativos à geografia física (geologia, geomorfologia, hidrologia, climatologia, cartografia, etc.), ao ensino de Geografia (estágio curricular, avaliação, metodologia de ensino, etc.) e à Geografia de modo geral (conceitos, histórico do pensamento geográfico, preservação de patrimônio, etc.), desde que o assunto não fosse relativo a questões econômicas ou, obviamente, GE. Quanto aos trabalhos sobre aspectos ambientais e Geografia Política, foram descartados aqueles que não discutiam questões econômicas em nenhuma parte do artigo.

Descartamos, nesta etapa, também: a única publicação do ano de 1976 cujo título era “Listagem das atividades científicas do II Encontro Nacional de Geógrafos”; de 1983 – “A curva de Lorenz-Thofehn”; de 1984 – “Origem e evolução da AGB no Rio Grande do Sul”; de 1992 – “Entrevistas da Diretoria com sócios fundadores da AGB – PA”.

Nesta primeira filtragem, os artigos foram identificados a partir de seus títulos. Procedemos, em seguida, a uma breve leitura, em parte ou em todo o artigo, a fim de obter a confirmação de que o texto poderia ser descartado. Os artigos retirados neste primeiro momento são os que em nosso entender estão mais distantes da GE e totalizam 67 em um total de 154 trabalhos.

A segunda filtragem consistiu em definir se o artigo é da GE ou não, a partir da definição de GE apresentada por Nunes (2000). Nesta etapa foram considerados válidos os artigos onde se caracterizou “[...] a precedência do fato/evento econômico na determinação dos processos e relações que produzem as diferentes formas espaciais” (NUNES, 2000, p. 31).

A segunda filtragem foi mais difícil. Encontramos artigos em que estava clara, logo no começo do trabalho, a importância do econômico; ou seja, o autor do texto estava estudando um processo/relação em que o aspecto econômico era o principal determinante. Entretanto, alguns artigos precisaram ser lidos no todo e, inclusive, mais de uma vez e até com a ajuda do orientador para que se pudesse definir se enquadraríamos como GE ou não. Nesta etapa foram retirados mais 44 artigos.

Caracterizado como sendo da GE, procedemos à classificação do artigo em uma das temáticas apresentadas por Nunes (2000) e em uma das abordagens apresentadas por Alves

(2012). Cada artigo da GE, também foi classificado em uma das quatro fases da GE apresentadas por Silva (1978) e em uma das três principais correntes geográficas apresentadas por Moraes (2007).

O apêndice I apresenta a listagem dos artigos considerados válidos para este estudo e o apêndice II traz a lista de artigos descartados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este referencial teórico foi construído com a intenção de apresentar uma breve noção da gênese, de quando e onde, a Geografia e a GE surgiram. Os autores foram selecionados a partir da literatura em língua portuguesa que tivemos acesso. Tais pesquisadores representam, sobretudo, o pensamento europeu, base para a Geografia produzida no Brasil.

Verificamos na gênese da Geografia Brasileira significativa influência da Escola Francesa, embora o pensamento alemão e o norte americano também tenham contribuído. Enquanto os franceses moldaram a Geografia Universitária, os alemães e norte-americanos tiveram maior influência nos estudos feitos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Quanto à GE, investigamos sua origem, seu desenvolvimento no Brasil e suas definições. Identificamos, nos manuais de GE produzidos na segunda metade do século passado, diferentes concepções a respeito do que se entende por GE, assim como um deslocamento de foco da atividade industrial, passando pela preocupação com o desenvolvimento, chegando ao final do século com uma preocupação em entender a organização do espaço a partir das atividades econômicas.

2.1 O PENSAMENTO GEOGRÁFICO: ANTECEDENTES DA GEOGRAFIA SISTEMATIZADA

A história da civilização ocidental aponta a Mesopotâmia como berço do pensamento geográfico. Foram os mesopotâmios, mais especificamente os sumérios, que produziram o primeiro mapa de que temos notícia. Para Lencioni (2003, p. 32): “Os sumerianos nos deixaram como legado, o que podemos considerar como a primeira representação cartográfica do mundo, um mapa de 2700 anos antes da era cristã.”

Embora os primeiros registros de estudos geográficos sejam atribuídos aos povos que viveram entre os rios Tigre e Eufrates, foram os gregos que mais se destacaram no desenvolvimento do pensamento geográfico e das ciências, ou daquilo que naqueles tempos era chamado de Filosofia. Segundo Cavalcanti e Viadana (2010, p. 13): “À filosofia compete explicar a realidade, dividida no domínio da natureza, do pensamento e da criação humana. A partir dessa divisão foram surgindo as diversas ciências, repartindo o saber total da filosofia.”

Dentre os filósofos gregos estão vários nomes que contribuíram com a Geografia:

- **Pitágoras**, no estudo da Geometria, formulou o célebre Teorema de Pitágoras. Conceitos de esfera para a Terra, movimento de rotação, zonação climática, mecanismos de eclipses da Lua.
[...]
- **Anaximando de Mileto** relatou viagens e fez o primeiro mapa marítimo.
- **Tales de Mileto**, localizou lugares. Fazia descrição desses lugares com racionalismo.
- **Erastósteles** postulava a imagem geométrica da Terra, calculou sua circunferência e estabeleceu o sistema de coordenadas (latitude, longitude).
- **Aristarco de Samos** foi o primeiro a dizer que o Sol é bem maior que a Terra e que ela gira entorno dele.
- **Ptolomeu**, teoria geocêntrica. Tema retomado pela Igreja na Idade Média.
- **Heródoto**, historiador, descreveu as guerras entre gregos e persas. Viajou pelo Egito e pela Babilônia e descreveu o que viu. Colocou os conhecimentos históricos no contexto geográfico. O meio influencia o homem (concepções deterministas recuperadas por Ratzel, naturalista alemão do século XIX).
- **Aristóteles**, [...]. Considerava a Terra uma esfera e apresentou o fato de que a Terra projetava na Lua uma sombra redonda durante os eclipses.
- **Dicearco**, [...] foi o precursor do sistema de coordenadas geográficas que divide a Terra em dois hemisférios através de uma linha equidistante do Norte e do Sul, utilizada até hoje pela cartografia moderna (BECKER, 2006, p. 18).

Outro grego importante para o pensamento geográfico é Estrabão. Ruy Moreira enfatiza a importância desse pensador na capa de seu livro: “Estrabão, ao criar a geografia no século I, apresentou-a como um saber comprometido com a construção de um mundo centrado na felicidade e na vida do homem” (MOREIRA, 2012, capa). Lencioni vai mais longe, ela busca/cita um texto que teria sido escrito pelo próprio Estrabão:

A geografia, que nós nos propomos a estudar na presente obra, nos parece ser, como algumas outras ciências, do domínio da filosofia, e mais de um fato nos autoriza a pensar assim; de início, os primeiros autores que ousaram tratar da geografia eram precisamente os filósofos: Homero, Anaximandro de Mileto, seu compatriota Hecateu, Eratóstenes – a quem faremos observação em seguida – depois Demócrito, Eudóxio, Dicearque, Éfora e muitos outros, enfim, mais recentemente, Erastóstenes, Políbio, Posidônio, filósofos também os três. Em segundo lugar, a multiplicidade de conhecimentos indispensáveis que conduz à semelhança é o compartilhar, unicamente, no que diz respeito à contemplação das coisas divinas e humanas, quer dizer, do objeto mesmo da filosofia. Enfim, a variedade de aplicações que é susceptível à geografia, que pode servir, por sua vez, às necessidades dos povos e aos interesses dos chefes e que tende a nos fazer melhor conhecer o céu, de início; depois, todas as riquezas da terra e dos mares, tanto quanto dos animais e das plantas, os frutos e os outros produtos próprios a cada lugar, essa variedade, dizemos nós, implica que o geógrafo tenha esse mesmo espírito filosófico habituado a meditar sobre a grande arte de viver e de ser feliz (ESTRABÃO, 1909 apud LENCIONI, 2003, p. 45-46).

Pelo texto citado, percebemos a relação entre a Filosofia e a Geografia: a Geografia é apresentada como uma divisão ou um campo de domínio da Filosofia. Estrabão entende assim porque os primeiros gregos a estudar Geografia eram filósofos e porque Geografia e Filosofia

dedicam-se ao estudo “das coisas divinas e humanas”, ou seja, compartilham do mesmo objeto de estudo.

O filósofo Estrabão define a amplitude do campo de estudo e as aplicações da Geografia e, ainda, a quem a Geografia serve. Observamos na afirmação de Estrabão algo ainda atual, embora já tenham se passado, aproximadamente, dois milênios. Aqui também, uma referência às “riquezas da terra e dos mares”, o que poderia ser relacionado à GE.

Fora da Grécia, até o século XV, o conhecimento geográfico se caracteriza principalmente pelos relatos de viajantes, sobretudo, árabes como Al-Idrisi e Ibn Batutah. Os árabes também foram importantes no estudo dos astros e na conservação de textos antigos, que assim puderam chegar ao nosso conhecimento.

Por volta do século XV, a Geografia recebe influência da astronomia. Nicolau Copérnico (1473-1543) apresenta a Teoria Heliocêntrica e Johannes Kepler (1571-1630) descobre que as órbitas dos planetas são elípticas (LENCIONI, 2009). Além dos trabalhos de Copérnico e Kepler, o estudo da posição dos astros é importante por servir de orientação aos viajantes, principalmente, em alto mar.

Com as navegações portuguesas, os estudos de astronomia e cartografia tornam-se necessários para orientar os navegadores. “Na região do Algarve, próximo à ponta de Sagres, dom Henrique reuniu um grupo de estudiosos, como astrônomos, cartógrafos e pilotos, para desenvolver estudos náuticos necessários às expedições marítimas. Era a chamada Escola de Sagres” (BECKER, 2006, p. 44). A Escola de Sagres foi um marco importante para o desenvolvimento da cartografia.

Outro destaque importante do século XVI é o trabalho do geógrafo e matemático holandês Mercator (1512-1594). Segundo Lucci (1982, p. 11), Mercator “[...] criou o sistema de projeção cilíndrica que nos dá uma das melhores e mais comuns formas de representação da Terra: o mapa-múndi ou planisfério.” Os avanços na cartografia contribuem para novas representações e compreensões geográficas do mundo.

É na Alemanha do século XVIII que surge a Geografia como campo/área do conhecimento. Segundo Lencioni (2003, p. 78), “[...] Kant foi o inaugurador da disciplina de Geografia, quando lecionava em Königsberg.” A Geografia de Immanuel Kant é definida por Ruy Moreira da seguinte forma:

A Geografia que Kant conhece é **um agregado de conhecimentos empíricos** de todos os âmbitos, organizados em grupos de classificação, uma taxonomia do mundo físico, no sentido aristotélico do termo, e por isso designada de Geografia Física. Essa taxonomia é traduzida na forma de grandes paisagens da superfície

terrestre, recortando-a em pedaços de espaço que fazem dela uma ampla corografia (MOREIRA, 2010, p. 14, grifo nosso).

Moreira entende que Kant não provoca transformações significativas na Geografia, mas prepara o terreno para que Ritter e Humboldt a transformem em uma ciência.

As teorias de Kant vão, assim, ser a base do nascimento da geografia moderna, transferindo-lhe como paradigmas a noção do espaço como ordem espacial, a superfície terrestre como campo da taxonomia (tomando os nichos territoriais como critério, diferentemente da ordem lógica de Carl von Linné, conhecido com Lineu, então em voga), a comparação como método e o sistema de agrupamento taxonômico dos fenômenos por suas semelhanças e diferenças, que logo a seguir Alexander Von Humboldt e Carl Ritter vão incorporar ao sistematizá-los como um corpus discursivo, no começo do século XIX (MOREIRA, 2012, p. 22-23).

A partir de Humboldt e Ritter, se inaugura uma Geografia com viés científico. Uma ciência que vai se consolidar com a incorporação dos cinco princípios balizadores dos trabalhos de Geografia: extensão, analogia, causalidade, conexidade e atividade. Estes princípios foram elaborados por representantes das escolas alemã e francesa (LUCCI, 1982; ANDRADE, 1998). Os trabalhos de Kant, Humboldt, Ritter e Ratzel constituem a base da ciência geográfica, uma ciência que logo em seguida vai receber, também, a contribuição dos franceses, sobretudo, Paul Vidal de La Blache.

2.2 A GEOGRAFIA SISTEMATIZADA

As contribuições de Humboldt e Ritter são fundamentais para o surgimento da Geografia sistematizada. Segundo Moraes (2007, p. 61): “As primeiras colocações, no sentido de uma Geografia sistematizada, vão ser obra de dois autores prussianos ligados à aristocracia: Alexandre von Humboldt, conselheiro do rei da Prússia, e Karl Ritter, tutor de uma família de banqueiros.” Para Lencioni (2003, p. 91): “Enquanto Humboldt era um homem rico, viajante e naturalista, utilizando-se de observações diretas nas suas reflexões, Ritter foi, acima de tudo um professor, um homem de gabinete.” Humboldt se dedicou ao estudo do cosmos e da Terra, enquanto Ritter dedicou-se ao estudo das particularidades dos lugares (MORAES, 2007).

Após a sistematização, a Geografia se desenvolve, principalmente, em duas escolas: a escola alemã que tem como principal expoente Friedrich Ratzel e a escola francesa centrada na figura de Paul Vidal de La Blache. Ratzel se destaca pelas teorias do espaço vital e do

determinismo geográfico, enquanto La Blache desenvolve a teoria do possibilismo geográfico.

Segundo Becker (2006, p. 59): “O espaço vital representa uma proporção de equilíbrio entre uma população de uma dada sociedade e os recursos disponíveis para suprir suas necessidades, definindo assim suas necessidades de progredir e suas premências territoriais.” Com esta teoria, Ratzel justifica o desejo alemão de conquistar mais território.

Quanto ao determinismo e ao possibilismo geográficos, são teorias que procuram entender a relação homem-meio. Para Ratzel, o Homem é um ser passivo que tem suas características definidas pelo meio onde vive, ou seja, o nível de desenvolvimento de uma sociedade é determinado pelas características do meio onde ela está inserida. Já no entendimento de La Blache, existe uma interação entre o Homem e o meio a partir da qual se moldam as sociedades, ou seja, o Homem é um ser ativo (BECKER, 2006).

Para Lucci (1982), foram as escolas alemã e francesa que criaram os cinco princípios balizadores dos trabalhos geográficos. No entendimento deste autor, o que dá à Geografia o *status* de ciência é o obediência destes princípios, definidos como:

1. Princípio da Extensão – [...] o geógrafo deve localizar os fatos estudados, determinando-lhes a área geográfica.
2. Princípio da Analogia – o geógrafo deve comparar os fatos observados, retirando dessa observação as leis da Geografia Geral (Ritter).
3. Princípio da Causalidade – devem-se buscar as causas e examinar as consequências dos fatos observados (Ratzel).
4. Princípio da Conexidade – há estreita ligação entre os fatos geográficos, devendo ser observadas as suas conexões com fatos circunvizinhos (Vidal de La Blache).
5. Princípio da Atividade – os fatos geográficos sofrem constante mutação e assim devem ser estudados e observados (LUCCI, 1982, p. 12).

Outra escola importante é a norte americana, representada, sobretudo, por Richard Hartshorne. Este autor, influenciado pelo geógrafo alemão Alfred Hettner, divide a Geografia em: Geografia Idiográfica (regional) e Geografia Nomotética (geral). Na definição de Becker (2006, p. 68-69), a primeira seria uma Geografia “[...] singular (de um só lugar), porém exaustiva (apreender vários elementos) o que levaria a um conhecimento profundo de determinado local.” A segunda seria uma Geografia “[...] generalizadora, apesar de parcial, fazendo análises tópicas e comparativas em vários lugares.”

Hartshorne é autor da teoria do racionalismo geográfico ou da Geografia Racionalista. De acordo com Moraes (2007, p. 95): “O fato de se denominar racionalista esta corrente advém de sua menor carga empirista, em relação às anteriores.” Para Becker (2006),

Hartshorne é o geógrafo que faz a transição entre a Geografia Tradicional e as geografias posteriores.

A Geografia Tradicional ou Geografia Clássica baseava-se nas ideias de Augusto Comte (1798-1857). Comte defendia o método positivista, um método onde a observação dos fatos/fenômenos era a única forma de conhecer a verdade. (BECKER, 2006).

De maneira geral, é na metade do século XX que a Geografia Tradicional começa a ser questionada de uma forma mais intensa. Para Moraes:

A crise da Geografia Tradicional e o movimento de renovação a ela associado começam a se manifestar já em meados da década de cinquenta e se desenvolvem aceleradamente nos anos posteriores. A década de sessenta encontra as incertezas e os questionamentos difundidos por vários pontos. A partir de 1970, a Geografia Tradicional esta definitivamente enterrada; suas manifestações, dessa data em diante, vão soar como sobrevivências, resquícios de um passado já superado. Instala-se, de forma sólida, um tempo de críticas e de propostas no âmbito dessa disciplina (MORAES, 2007, p. 103).

No entendimento de Antônio Carlos Robert Moraes (2007), embora esse movimento renovador não tenha uma unidade, considerando propósitos e posicionamentos políticos, é possível identificar duas linhas de pensamento principais: a Geografia Crítica e a Geografia Pragmática.

Na afirmação de Moraes (2007, p. 111): “A Geografia Pragmática vai se substantivar por algumas propostas diferenciadas.” A proposta inicial consiste em uma aproximação da Geografia com a Matemática, sobretudo com a Estatística, recebendo a denominação de Geografia Quantitativa. Moraes exemplifica o pensamento dos adeptos desta corrente:

Por exemplo, ao se estudar uma determinada região, a análise deveria começar pela contagem dos elementos presentes (número de estabelecimentos agrícolas, total de população, extensão, número e tamanho das vilas e cidades, etc.); este procedimento forneceria tabelas numéricas de cada dado, as quais seriam trabalhadas estatisticamente pelo computador (médias, variâncias, desvio-padrão, medianas, etc.) e relacionadas (correlação simples e múltipla, regressão linear, covariância, análise de agrupamento, etc.); ao final, surgiriam resultados numéricos, cuja interpretação daria a explicação da região estudada (MORAES, 2007, p. 111).

Em um segundo momento, a Geografia Pragmática “[...] propõe o uso de modelos de representação e explicação, no trato dos temas geográficos.” Surge assim, a Geografia Modelística ou Sistêmica. “Os modelos originam-se basicamente na Economia, aparecendo, por exemplo, na explicação da organização da agricultura, da formação das redes de cidades, ou da localização industrial.” (MORAES, 2007, p. 112).

Segundo Moreira (2009), a Geografia Norte-Americana chamada de “New Geography” começou com a quantificação, focando em seguida nos modelos e, em um terceiro momento, passou a buscar o entendimento do espaço através da Teoria dos Sistemas. Este autor percebe a existência de três fases distintas: Geografia Quantitativa, Geografia Modelística, Geografia Sistêmica, respectivamente, nas décadas de 1940/1950, 1960 e 1970.

Quanto à Geografia Crítica, trata-se de um movimento que visa tornar públicas determinadas práticas que escamoteiam a realidade, impedindo que a sociedade em geral perceba a existência de um sistema de dominação presente nos discursos e práticas das instituições como o Estado e a Escola. Para Moraes (2007, p. 119), “[...] o designativo de crítica diz respeito, principalmente, a uma postura frente à realidade, frente à ordem constituída.”

“Enfim, os geógrafos críticos apontaram a relação entre a Geografia e a superestrutura da dominação de classe, na sociedade capitalista.” (MORAES, 2007, p. 120). Lacoste percebe a existência de duas Geografias, sendo ambas utilizadas como instrumento de poder:

Desde o fim do século XIX pode-se considerar que existem duas geografias:

- uma, de origem antiga, **a geografia dos Estados-maiores**, é um conjunto de representações cartográficas e de conhecimentos variados referentes ao espaço; esse saber sincrético é claramente percebido como eminentemente estratégico pelas minorias dirigentes que o utilizam como instrumento de poder.
- a outra geografia, **a dos professores**, que apareceu há menos de um século, se tornou um discurso *ideológico* no qual uma das funções *inconscientes*, é a de mascarar a importância estratégica dos raciocínios centrados no espaço. Não somente essa geografia dos professores é extirpada de práticas políticas e militares como de decisões econômicas (pois os professores nisso não tem participação), mas ela dissimula, aos olhos da maioria, a eficácia dos instrumentos de poder que são as análises espaciais. Por causa disso a minoria no poder tem consciência de sua importância, é a única a utilizá-las em função dos seus próprios interesses e este monopólio do saber é bem mais eficaz porque a maioria não dá nenhuma atenção a uma disciplina que lhe parece tão perfeitamente ‘inútil’ (LACOSTE, 1989, p. 31, **grifo nosso**).

A origem da Geografia Crítica está na Geografia Regional Francesa, sendo Lacoste um dos autores do livro que dá nome à primeira manifestação da Geografia Crítica: a Geografia Ativa. Os outros autores do livro, cujo título é “Geografia Ativa”, são P. George, R. Guglielmo e B. Kayser (MORAES, 2007). Moraes afirma que:

[...] esta Geografia de denúncia não rompia, em termos metodológicos, com a análise regional tradicional. Mantinha-se a tônica descritiva e empirista, apenas passava-se a englobar no estudo tópicos por ela não abordados. Introduziam-se novos temas, mantendo-se os procedimentos gerais da análise regional. [...]. A manutenção da ótica empirista vedava a análise dos processos essenciais e a explicação era sempre externa à Geografia. Poder-se-ia dizer que estes autores

tinham uma ética de esquerda, porém instrumentalizada numa epistemologia positivista. Daí sua posterior superação (MORAES, 2007, p. 124-125).

Destas colocações todas, percebemos que a Geografia não encontra um caminho definitivo, está sempre em busca de uma melhor maneira de entender/explicar o espaço geográfico, principalmente quando se trata da Geografia Humana. Para Moreira (2010, p. 19): “O modelito matemático da Física clássica parece se encaixar sob medida nas ações das geografias físicas setoriais, mas o modelito institucional da Sociologia-Antropologia não encontra um mesmo sucesso de aplicação nas geografias humanas setoriais.” Verificamos, portanto, que a Geografia iniciada por Humboldt e Ritter assume diferentes características, expressas em diferentes correntes e abordagens teórico-metodológicas.

Na sequência, procuraremos apresentar os elementos mais importantes na configuração da Geografia Brasileira. Uma Geografia criada a partir do modelo francês, mas que logo assume, também, algumas características dos pensamentos Alemão e norte americano.

2.3 OS PRIMÓRDIOS DA GEOGRAFIA BRASILEIRA

Embora a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e da Sociedade Brasileira de Geografia (SBG) ocorra ainda do século XIX, respectivamente, 1838 e 1883, é a partir da terceira década do século XX que a Geografia se torna um ramo do conhecimento realmente importante no contexto nacional. Alguns nomes que se destacaram na gênese da Geografia Brasileira são Manuel Aires de Casal, Carlos Delgado de Carvalho, os professores franceses Pierre Monbein e Pierre Deffontaines, Francis Ruellan e Leo Waibel (MOREIRA, 2009).

Aires de Casal era português e atuava no Rio de Janeiro com Capelão. Produziu, no início do século XIX, uma obra intitulada “A corografia brasileira”, na qual reúne informações e dados do Brasil daquela época (MOREIRA, 2009).

Delgado de Carvalho nasceu no final do século XIX (1884) e, estudando na França, no início do século XX teve contato com a Geografia de La Blache. Em 1913, Carvalho fez uma divisão do Brasil nas regiões: Meridional, Central, Setentrional, Oriental e Norte-oriental. Esta divisão serviu de base para a regionalização do IBGE no ano de 1941. Escreveu algumas obras, dentre as quais “Metodologia do ensino geográfico”, em 1925 e, no ano de 1935, assumiu “[...] a cátedra de Geografia Humana da Universidade do Distrito Federal (UDF),

mais tarde transformada em Universidade do Brasil (UB) e hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)” (MOREIRA, 2009, p. 31).

Deffontaines chegou ao Brasil no ano de 1934 e foi responsável pela criação dos cursos de Geografia na Universidade de São Paulo (USP) e na UDF. Também atuou na criação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e do Conselho Nacional de Geografia (CNG). Voltou para a França no ano de 1938, deixando algumas obras como “Geografia humana do Brasil”¹.

Monbein chegou ao Brasil em 1935 para trabalhar na USP quando Deffontaines foi para o Rio de Janeiro. Presidiu a AGB e atuou na criação do CNG. Ficou no Brasil até 1946 e produziu várias obras. No entendimento de Ruy Moreira (2009, p. 33), “[...] é Monbein quem traça o perfil da primeira geração de geógrafos de São Paulo, muitos dos quais vão substituí-lo na USP quando regressa a seu país.”

Ruellan veio ao Brasil no ano de 1940 e trabalhou na UB e no IBGE. Seus trabalhos estiveram relacionados à geomorfologia, escrevendo obras como “Evolução geomorfológica da baía de Guanabara e das regiões vizinhas”, publicada na Revista Brasileira de Geografia (RBG) de 1944, e “O escudo brasileiro e dobramentos de fundo”, em 1953. A primeira das duas obras foi republicada na RBG, volume 50, número especial, no ano de 1988.

Waibel veio para o Brasil no ano de 1946. Trabalhou no IBGE e seus estudos foram direcionados para a Geografia Agrária. Produziu vários textos que foram transformados em livro no ano de 1958, cujo título era “Capítulos de geografia tropical e do Brasil”. Em 1949, a RBG publicou “Princípios da colonização europeia no sul do Brasil”, obra republicada na RBG de 1988 como um dos textos clássicos da Geografia.

Referindo-se à consolidação da Geografia Brasileira, Antunes destaca:

A armação de um aparato institucional dedicado a essa disciplina data da década de 1930 com a organização dos cursos universitários de Geografia em São Paulo (1934) e no Rio de Janeiro (1935), a normatização da disciplina no ensino básico de alguns Estados, a fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (1934), a criação, pelo Estado, do Conselho Nacional de Geografia (1937) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1938). É correto afirmar que a criação dessas instituições se coloca como estratégia utilizada na busca da cientificidade, da legitimidade e da inserção da profissão na modernidade. Tais atos, interligados, rapidamente conformam uma comunidade de geógrafos no país (ANTUNES, 2008, p. 32).

Ressaltando a importância da AGB, Cardoso faz a seguinte afirmação:

¹ Publicada na Revista Brasileira de Geografia (RBG) de 1939, em forma de livro no ano de 1952 e, também, na RBG, volume 50, número especial, no ano de 1988.

A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) foi fundada, em São Paulo, em 1934, no mesmo ano em que se iniciavam os cursos de Geografia e História da Universidade de São Paulo. [...] No trabalho de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (2002), o autor ressalta que a AGB é a associação que vai se articular com outras instituições – universidades e o IBGE, formando o tripé da Geografia brasileira no pós-1930 e que vai articular a comunidade de geógrafos no Brasil (estudantes, professores e técnicos), desde sua fundação até os dias atuais (CARDOSO, 2015, p. 85).

Com a criação da AGB surgem os boletins de Geografia estaduais que vão reunir o conhecimento geográfico produzido em uma escala regional. No estado do Rio Grande do Sul (RS), isso ocorre a partir da década de 1970, ou seja, é a partir de 1974 que ocorre a primeira publicação do BGG.

Esta fase de consolidação da Geografia Brasileira tem seu reconhecimento a nível internacional no ano de 1956, com a efetivação do congresso da União Geográfica Internacional (UGI). O evento ocorreu no Rio de Janeiro e mobilizou geógrafos de diversas instituições para a produção de obras que apresentassem o Brasil ao mundo. Os geógrafos brasileiros e suas obras são relacionados abaixo:

Fernando F. M. de Almeida e Miguel Alves de Lima, do IBGE, escrevem o livro 1, *Planalto centro-ocidental e Pantanal mato-grossense*; Ney Strauch, do IBGE, o livro 2, *Zona metalúrgica de Minas Gerais e vale do Rio Doce*; Ary França, da USP, o livro 3, *A marcha do café e as frentes pioneiras*; Aziz Ab'Saber, da USP e Nilo Bernardes, do IBGE, o livro 4, *Vale do Paraíba, serra da Mantiqueira e arredores de São Paulo*; Lysia Maria Cavalcanti Bernardes, do IBGE, o livro 5, *Planície litorânea e zona canavieira do estado do Rio de Janeiro*; Alfredo Porto Domingues, do IBGE, e Elza Coelho de Souza Keller, da USP, o livro 6, *Bahia*; Mário Lacerda de Melo, de Pernambuco, o livro 7, *Paisagens do Nordeste em Pernambuco e Paraíba*; Lucio de Castro Soares, do IBGE, o livro 8, *Amazônia*; e Orlando Valverde, do IBGE, o livro 9, *Planalto meridional do Brasil* (MOREIRA, 2009, p. 35).

Percebemos que a Geografia Brasileira teve um grande desenvolvimento entre metade da década de 1930 e metade da década de 1950, ou seja, muita coisa se fez neste período de aproximadamente 20 anos. Autores que participaram do congresso da UGI, em 1956, ganharam destaque nas décadas seguintes, como é o caso de Aziz Ab'Saber² e Lysia Bernardes³.

Tendo em vista a diversidade temática da Geografia produzida no Brasil a partir da década de 1950, limitamos nosso foco de estudo à análise da GE, apresentando sua origem e definição a partir de trabalhos, sobretudo, de autores brasileiros.

² Domínios morfoclimáticos

³ Classificação climática do Brasil

2.4 A GEOGRAFIA ECONÔMICA

Estudo feito por Nunes (2000) apontou a origem do vocábulo “Geografia Econômica” nos trabalhos de um alemão chamado Gotz, no ano de 1882. A denominação teria surgido a partir do termo “Geografia Comercial”. Nunes verificou que o vocábulo surgiu na Alemanha, mas a base da GE foi construída a partir da Geografia Regional de Paul Vidal de La Blache.

Se o termo “Geografia Econômica” surgiu no final do século XIX, convém destacar que Ritter já fazia uma Geografia que pode ser considerada como sendo econômica antes disso, conforme afirmação de Pires do Rio (2012, p. 173): “Em um dos primeiros trabalhos de geografia econômica, Carl Ritter (1779-1859) analisou os efeitos da navegação a vapor na organização do espaço”.

Outro autor que defende a ideia de que foi Ritter o primeiro a fazer estudos de GE é Claval (2005), para ele:

A geografia econômica apareceu na Alemanha sob a influência de Carl Ritter e se desenvolveu desde o fim dos anos 1850. Seu objetivo era a descrição da diferenciação de regiões econômicas num tempo onde as ferrovias e a navegação a vapor abriram novas possibilidades de especialização produtiva (CLAVAL, 2005, p. 13).

Claval apresenta um histórico evolutivo da GE: ele faz uma comparação entre a GE do século XIX, focada no princípio da analogia entre as regiões econômicas e no aspecto descritivo, e a GE do final do século XX, direcionada ao estudo dos polos de crescimento, globalização, crescimento das metrópoles, mobilidade e problemas ambientais, substituindo o aspecto descritivo pela preocupação em entender mecanismos e processos.

A geografia econômica ficou muito tempo isolada da economia e do resto da geografia. Ela se apresentava como uma descrição das atividades produtivas, dos fluxos de bens e de grandes mercados. A situação começou a mudar há cinquenta anos atrás. A evolução se fez em duas fases: 1- Na primeira, o interesse ficou centrado sobre a produção, mas o objetivo mudou. A explicação de mecanismos e de processos de decisão substituiu a descrição. Os problemas da polarização do crescimento pareceram centrais nesse período. 2- Na segunda fase, a atenção se abriu sobre novos problemas: a globalização, a metropolização, a mobilidade crescente e suas consequências, as questões ambientais (CLAVAL, 2005, p. 23).

Pelas afirmações de Claval (2005), temos, então, uma GE que segue dois caminhos: 1º-vai da descrição para a explicação do fato econômico, pelo menos se compararmos o final do século XIX com o final do século XX; 2º-vai da priorização da produção para a priorização

do consumo. O autor finaliza o artigo concebendo uma GE focada, principalmente, naquilo que entendemos como uma cultura do consumismo:

O papel da geografia econômica no contexto das ciências econômicas é, hoje, maior que no passado. Ela explora a influência da cultura no domínio do consumo, estuda os circuitos econômicos “solidários” e de redistribuição; ela contribui também para o estudo da flexibilidade e da metropolização (CLAVALL, 2005, p. 23).

Não é nosso interesse aprofundar o estudo da GE a nível geral/mundial. Na sequência, vamos direcionar nosso foco para o Brasil. Já abordamos a gênese da Geografia Brasileira, passaremos agora para a GE.

2.5 A GEOGRAFIA ECONÔMICA NO BRASIL

Ao tratar da GE produzida no Brasil, Silva (1978) identifica quatro temas gerais que vão se impondo sucessivamente. A predominância de um dos quatro temas identifica, para nós, um período ou fase da GE. Sendo assim, na primeira fase ocorre uma preocupação com os recursos naturais e humanos (déc. 1940); na segunda, o foco dos estudos é a produção e a circulação (déc. 1950); na terceira, ocorre uma preocupação com o desenvolvimento e o subdesenvolvimento (déc. 1960/1970); na fase mais recente a GE brasileira preocupa-se, sobretudo, com a organização do espaço (déc. 1970).

Silva (1978) cita exemplos de trabalhos característicos de cada período ou fase: primeiro - “As bases geográficas da vida econômica” de Dirceu L. de Mattos; segundo - “Geografia Econômica” de Pierre George; terceiro - os trabalhos de R. Haddock Lobo e de Elian A. Lucci, ambos com o título “Geografia Econômica”; quarto - “Geografia Econômica” de Manuel C. de Andrade.

De acordo com Silva (1978, p. 32, nota de rodapé), a obra de Mattos é inédita e “Aborda sistematicamente as variáveis geográficas físicas e sua relação com o homem.” Para quem estiver interessado no livro, recomendamos procurar a biblioteca da Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA)⁴.

Dentre as obras apontadas por Armando Corrêa da Silva como referência das fases pelas quais a GE passou, não nos foi possível ter acesso à obra da primeira fase. Sendo assim,

⁴ MATTOS, Dirceu Lino de. **Bases geográficas da vida econômica**. [S. l.: s. n.], 1970.

apresentamos, na sequência, algumas características das obras que tivemos acesso, ou seja: George, Lobo, Lucci e Andrade.

Segundo George (1970, p. 9), a GE “[...] tem por objeto o estudo das formas de produção, assim como o da localização do consumo dos diferentes produtos no âmbito mundial.” Para ele, um estudo de GE leva em consideração aspectos culturais, descobertas científicas e os sistemas definidores da política, da economia e das questões sociais. George (1972, p. 93) afirma que a GE clássica inclui: “Geografia agrícola, geografia industrial, geografia dos transportes e do comércio [...]”.

No entendimento de George (1970, p. 9-10): “Todo ensaio racional de Geografia Econômica, portanto, se inicia por uma consideração sobre [sic] a distribuição da população do Globo e pelo exame das formas de produção e de consumo próprias aos diferentes grupos, conforme a estrutura de sua economia.” O professor afirma que a GE deve direcionar sua atenção, principalmente, na atividade industrial porque “[...] a chave dos mecanismos da economia contemporânea é fornecida pelo conhecimento das formas de produção industrial e das condições de seu desenvolvimento.”

De acordo com o professor Pierre George, a lógica do estudo da GE consiste em “[...] analisar sucessivamente todos os fatos que exercem uma influência sobre [sic] a repartição da produção, sobre [sic] a sua intensidade em cada região e sobre a distribuição do consumo, relativamente à produção” (GEORGE, 1970, p. 11).

Ao tratar da GE, Lobo (1965, p. 15), propõe a superação do aspecto descritivo, que é característica marcante da Geografia Clássica. No entendimento dele, a GE deve estudar uma região ou nação no intuito de “compreender as causas da situação econômica” e “prever as respectivas possibilidades de progresso e desenvolvimento”. Segundo ele:

Encontra-se superada a concepção de Geografia Econômica como simples enunciado da distribuição das riquezas, das fontes e dos tipos de produção por diferentes regiões. Semelhante ponto de vista, puramente descritivo vem sendo substituído pela preocupação de compreender as causas da situação econômica, em cada nação ou região, e também pelo interesse em prever as respectivas possibilidades de progresso e desenvolvimento (LOBO, 1965, p. 15).

Lobo (1965) afirma que a Geografia já deu muita importância ao meio físico. Geógrafos seguidores de Ratzel entendiam que os aspectos físicos de uma região eram os principais determinantes do futuro econômico da população. O autor afirma que o meio físico é importante, mas em um “[...] mesmo meio geográfico, a qualidade e quantidade de produção

e o grau de riqueza das populações podem variar muito, dependendo as variações, em grande parte, de fatores históricos” (LOBO, 1965, p. 27).

Ao invés de classificar as populações mundiais em desenvolvidas e subdesenvolvidas, Lobo (1965), prefere classificá-las dentro de quatro possibilidades: primitivas, subdesenvolvidas, paradesenvolvidas e desenvolvidas. As populações primitivas são aquelas que sobrevivem de caça, pesca, coleta, pastoreio e agricultura primitiva, tendo uma economia de subsistência. Populações desenvolvidas e subdesenvolvidas se distinguem pela capacidade técnica e industrialização, sendo alta nas primeiras e baixa nas segundas. As populações paradesenvolvidas possuem nível de capacidade técnica e desenvolvimento industrial médio, situando-se entre as desenvolvidas e as subdesenvolvidas.

Para Lucci, a GE “[...] tem por objetivo o estudo das formas de produção, localização e consumo dos diferentes produtos do meio natural em que vivemos” (LUCCI, 1975, p. 16). Quanto às suas divisões, o autor afirma existirem diversas concepções, porém considerando os aspectos de produção, distribuição, consumo, etnografia e sociologia, podemos fracioná-la em:

- a) **Geografia da População** – voltada principalmente para os problemas da distribuição geográfica e estrutura da população.
- b) **Geografia Agrária** – que procura descrever e interpretar os diferentes sistemas, formas de cultura e atividades de criação de animais, as paisagens a que dão origem, e as estruturas sobre que exercem influência.
- c) **Geografia Industrial** – que aborda a distribuição geográfica dos complexos industriais, relacionando-os com as paisagens por eles geradas, bem como estudando-os em relação aos mercados de matéria-prima, de consumo e de mão-de-obra.
- d) **Geografia dos Serviços** – preocupa-se principalmente com a distribuição e organização do comércio, transportes, educação, em áreas da superfície terrestre, enfocando com maior destaque os aspectos urbanos.
- e) **Geografia Rural** – dirige seus estudos para a área rural, o campo, analisando a atuação dos diversos fatores humanos, principalmente aqueles que são considerados qualitativos.
- f) **Geografia Urbana** – que, como o próprio nome diz, volta-se para o estudo das cidades em seus vários aspectos, tais como sua morfologia, atividades industriais e de serviços. Preocupa-se, também, numa abordagem mais dinâmica, em estudar as relações existentes entre as cidades e as áreas nas quais exercem influência e que, por outro lado, delas dependem.
- g) **Geografia da Energia** – que estuda as fontes de energia, suas formas de exploração e grau de utilização e a influência do consumo e o seu significado na vida do homem. (Ibid. p. 18, grifo nosso).

Referindo-se à classificação dos países em desenvolvidos e subdesenvolvidos, mesmo afirmando que os termos ainda não estão bem definidos, Lucci (1975) entende como países desenvolvidos os que tiveram maior desenvolvimento da atividade industrial. Para ele, o desenvolvimento de um país está atrelado à disponibilidade de recursos naturais, humanos e

tecnológicos. Países deficientes em algum destes recursos, ou dependentes de outros países, são subdesenvolvidos. De acordo com o autor, “subdesenvolvimento” é um termo que surgiu na ONU, em 1949 e, por ser considerado áspero e insultuoso, está sendo substituído por “em desenvolvimento”.

Para Andrade (1998, p. 23), a GE consiste em analisar “[...] a organização do espaço em função da apropriação dos recursos naturais e da transformação dos bens em mercadorias, em uma sociedade avançada [...]”. Na obra de Andrade⁵, observamos que a preocupação central é a organização do espaço, conforme afirmação do autor:

[...] tivemos uma preocupação central de analisar as formas pelas quais o homem vem ocupando o espaço terrestre e a utilização que vem fazendo dos recursos disponíveis. Assim, o leitor verá como se distribuem os recursos pela superfície da Terra e as formas de organização do espaço elaboradas em função da utilização destes recursos pelo homem, espontânea ou planejadamente. (ANDRADE, 1998, p. 15).

Na atualidade, temos dificuldade em obter livros de GE produzidos em nosso país, sendo que as produções encontradas não se preocupam em definir GE. Quando pesquisamos por livros de GE nos endereços eletrônicos das livrarias, observamos que aparecem alguns títulos, mas eles estão indisponíveis/esgotados ou, então, encontramos livros de autores que não são formados em Geografia.

Exemplifica tal fato, o livro de Marcos Antônio de Moraes, “Geografia Econômica: Brasil de colônia a colônia”. A obra é de 2010 e apresenta, basicamente, os ciclos econômicos pelos quais o país passou e as políticas econômicas dos governos a partir de Getúlio Vargas. Não apresenta definição de GE. O autor possui graduação em ciências sociais e pós-graduação em climatologia, tendo atuado no Ensino Médio e em cursos pré-vestibulares.

Embora os livros didáticos da educação básica tragam aspectos da economia, notamos que a GE está sendo esquecida, uma vez que é difícil de encontrar produções específicas deste ramo do conhecimento geográfico. A GE atual tem se apresentado como um amontoado de informações econômicas sem discussão a respeito dos processos e relações envolvidos. Em nosso país faltam autores que aprofundem a discussão e sejam referência segura dentro da GE.

A definição de GE mais recente que encontramos, e que assumimos como base para a elaboração desta pesquisa, defende que a GE estuda o fato econômico que determina a organização do espaço. De acordo com Nunes (2000, p. 31): “A Geografia Econômica

⁵ “Geografia Econômica”, 12ª edição, publicada em 1998 e que é uma atualização do livro publicado no início da década de 1970.

sustenta-se primeiramente por apresentar uma característica básica: a precedência do fato/evento econômico na determinação dos processos e relações que produzem as diferentes formas espaciais.”

Embora tenhamos decidido pela definição de Nunes (2000), vamos fazer mais alguns comentários, referentes às definições, de modo que possamos perceber como elas se alteram com o tempo.

2.6 AS DEFINIÇÕES DE GEOGRAFIA ECONÔMICA

No Quadro 01, procuramos resgatar as definições de GE apresentadas pelos autores citados por Silva (1978) como representantes das fases 2, 3 e 4, pois entendemos que estes autores são os principais representantes da GE produzida no Brasil. Além disso, acrescentamos a definição de Nunes (2000) por tratar-se de uma definição mais recente.

Quadro 01 – Definições de GE

Autor	Definição de geografia econômica	Título/ano da publicação [primeira edição brasileira]
Pierre George	“[...] tem por objeto o estudo das formas de produção, assim como o da localização do consumo dos diferentes produtos no âmbito mundial.”	Geografia Econômica/1970 (5. ed. da 2. ed. francesa de 1958) [1961]
Roberto Jorge Haddock Lobo	“Encontra-se superada a concepção de Geografia Econômica como simples enunciado da distribuição das riquezas, das fontes e dos tipos de produção por diferentes regiões. Semelhante ponto de vista, puramente descritivo vem sendo substituído pela preocupação de compreender as causas da situação econômica, em cada nação ou região, e também pelo interesse em prever as respectivas possibilidades de progresso e desenvolvimento.”	Geografia Econômica/1965 [1965]
Elian Alabi Lucci	“[...] tem por objetivo o estudo das formas de produção, localização e consumo dos diferentes produtos do meio natural em que vivemos.”	Geografia Econômica: Geografia do desenvolvimento econômico mundial e do Brasil/1975 (2. ed.) [1973]
Manuel Correia de Andrade	“[...] analisa a organização do espaço em função da apropriação dos recursos naturais e da transformação dos bens em mercadorias, em uma sociedade avançada [...]”	Geografia Econômica/1998 (12. ed.) [1973]

Flaviana Gasparotti Nunes	“A Geografia Econômica sustenta-se primeiramente por apresentar uma característica básica: a precedência do fato/evento econômico na determinação dos processos e relações que produzem as diferentes formas espaciais.”	A Geografia Econômica na produção científica acadêmica dos programas de pós-graduação em Geografia no estado de São Paulo (1970 - 1998)/2000 [2000]
---------------------------	--	---

Fonte: George (1970); Lobo (1965); Lucci (1975); Andrade (1998); Nunes (2000). Organizado pelo autor.

Em um primeiro momento, observando as definições presentes no quadro, percebemos que a palavra ou o termo chave da GE é “produção”. Trata-se da GE segunda fase, a geografia de Pierre George, o qual se preocupa, sobretudo, com a atividade industrial.

A segunda definição traz a produção atrelada ao desenvolvimento. É a GE terceira fase (SILVA, 1978), a fase em que as questões relativas ao desenvolvimento econômico são centrais. Para Lobo, a geografia deve compreender as causas da situação econômica e prever possibilidades de desenvolvimento.

Nas definições mais recentes percebemos que a GE procura entender a relação entre as atividades produtivas e a organização do espaço. A GE estuda a organização do espaço a partir das atividades econômicas. Nos trabalhos da GE, os fatos ou eventos econômicos são o principal determinante da produção/organização do espaço.

Neste estudo, foram selecionados como sendo da GE, os artigos do BGG que se enquadram da definição de GE apresentada por Nunes (2000).

2.7 CLASSIFICANDO TRABALHOS DE GEOGRAFIA ECONÔMICA

Definido um artigo como sendo da GE, enquadrando-o dentro de uma das temáticas apresentadas por Nunes (2000): agricultura, indústria, comércio, migrações, relações de trabalho, caracterização econômica de regiões, discussões teórico-metodológicas, transportes, renda da terra urbana, artesanato/garimpo; procuramos classificá-lo em uma das três correntes geográficas apresentadas por Moraes (2007) e em um dos quatro períodos ou fases da GE propostos por Silva (1978).

Quanto às abordagens dos trabalhos, observamos que para Nunes (2000) são apenas duas: analítico-descritiva ou empírico-analítica e crítica ou dialética. Sendo assim, e na tentativa de irmos mais além, optamos por utilizar, também, o trabalho de Alves (2012). Este

autor estudou as abordagens metodológicas da geografia agrária clássica brasileira, no período 1941 a 1960, identificando onze abordagens diferentes: descritiva, histórica, estatística, comparativa, causa-efeito, determinista, estatístico-fisionômico-ecológico, histórico-dialética, neo-positivista, sociológica e sistemática.

Considerando que o trabalho de Alves (2012) trata de uma fração da GE (a Geografia Agrária) e de um período anterior ao que nos propomos a estudar, torna-se necessário fazer uma ressalva: estamos generalizando as abordagens para toda a GE e identificando estas abordagens em um período posterior (1974-1999).

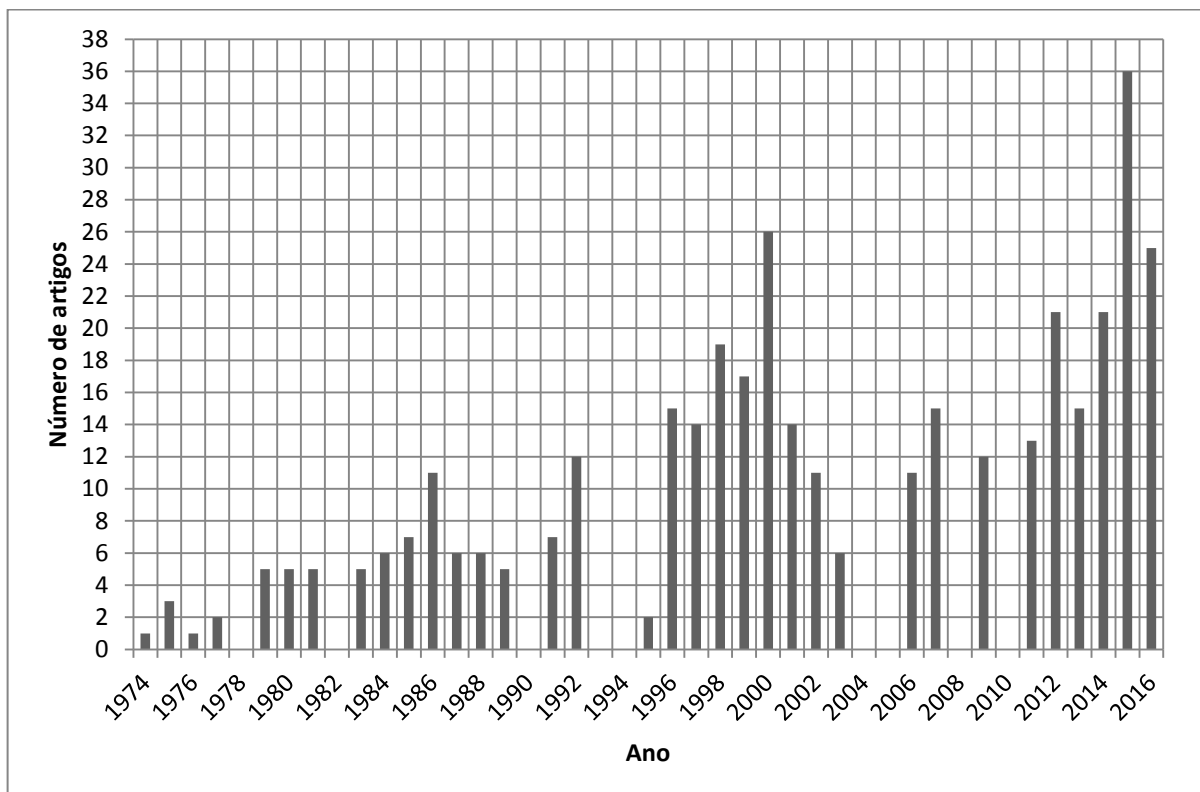
3 A GEOGRAFIA ECONÔMICA DO BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA (1974-1999)

O Boletim Gaúcho de Geografia (BGG) é uma publicação na qual são veiculados artigos de diferentes temáticas relacionadas à ciência geográfica. Deste modo, encontramos no BGG pesquisas de diferentes campos da Geografia, dentre os quais está a GE.

3.1 O BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA

O BGG surgiu em 1974 e até o ano de 2016 publicou 380 artigos distribuídos em 43 volumes. Durante o período 1974-2016, houve anos em que nada foi publicado e anos com expressivo número de publicações. A quantidade de artigos publicados em cada ano pode ser observada no Gráfico 01.

Gráfico 01 – Distribuição dos artigos publicados no BGG, período 1974-2016

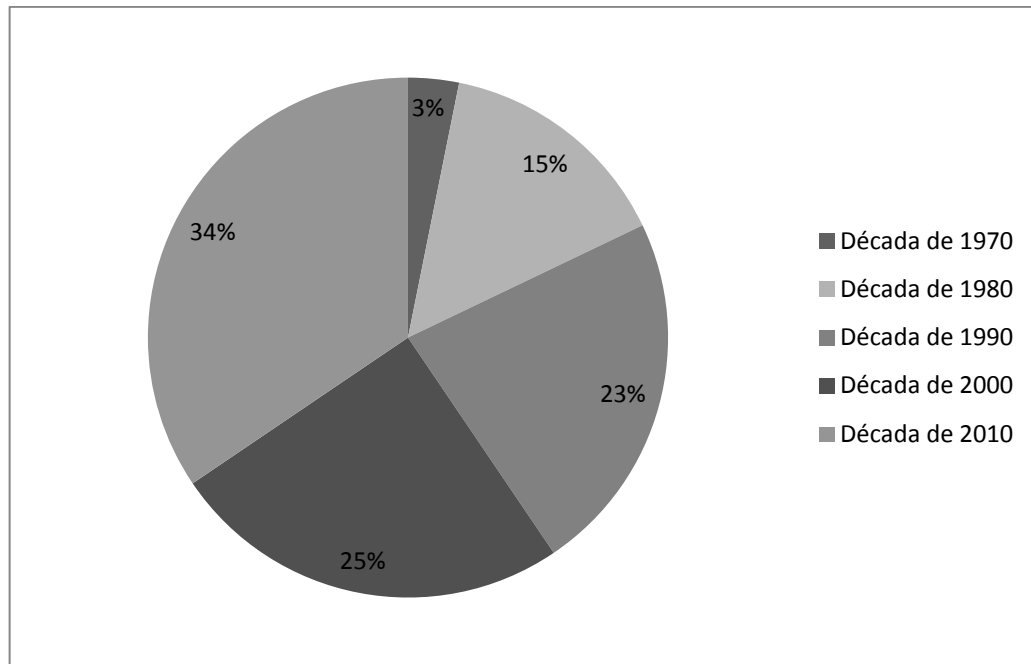


Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelo autor.

Ao analisarmos a distribuição dos artigos publicados no período de 1974 a 2016, percebemos significativo aumento da quantidade de publicações de uma década para a

seguinte, sendo 12 artigos na primeira (1974 a 1979), 56 na segunda (1980 a 1989), 86 na terceira (1990 a 1999), 95 na quarta (2000 a 2009) e 131 na quinta década (2010 a 2016). Em valores percentuais temos 3%, 15%, 23%, 25% e 34%, respectivamente, conforme Gráfico 02.

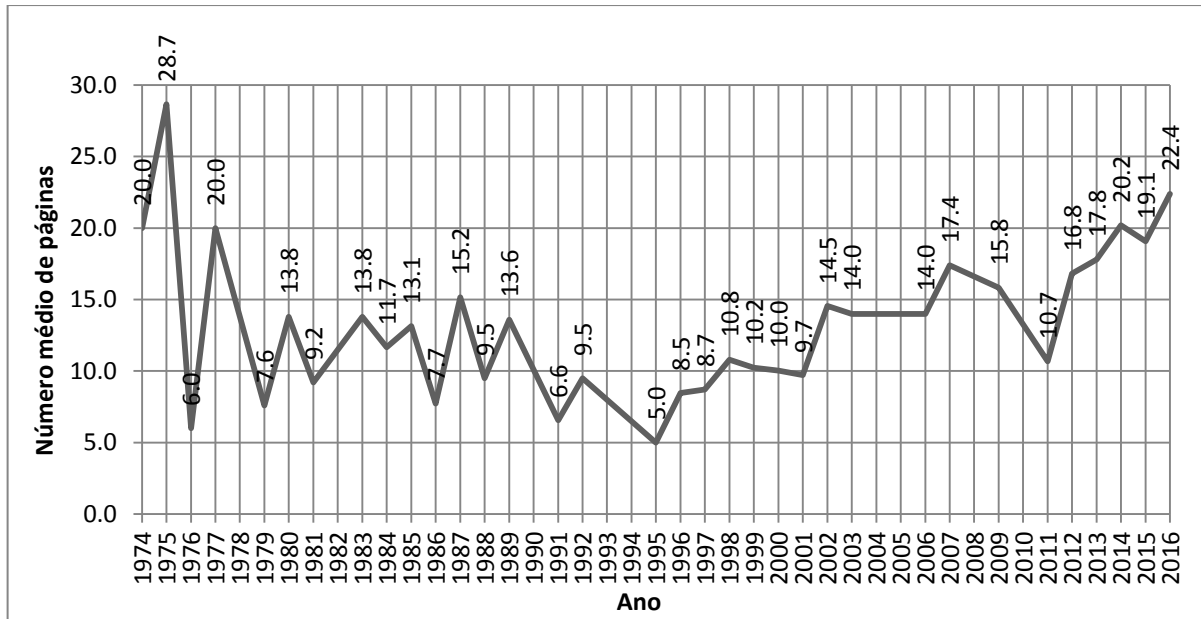
Gráfico 02 – Percentual do total de artigos publicados no BGG, por década



Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelo autor.

Quanto ao número de páginas dos 380 artigos do BGG, calculando a média aritmética simples e o coeficiente de variação, encontramos os valores: 14 e 46%, respectivamente. Observando as médias de número de páginas dos artigos, ano a ano, percebemos, de modo geral, que na década de 1990 os artigos possuíam quantitativo de páginas menor em relação às décadas mais recentes, conforme Gráfico 03.

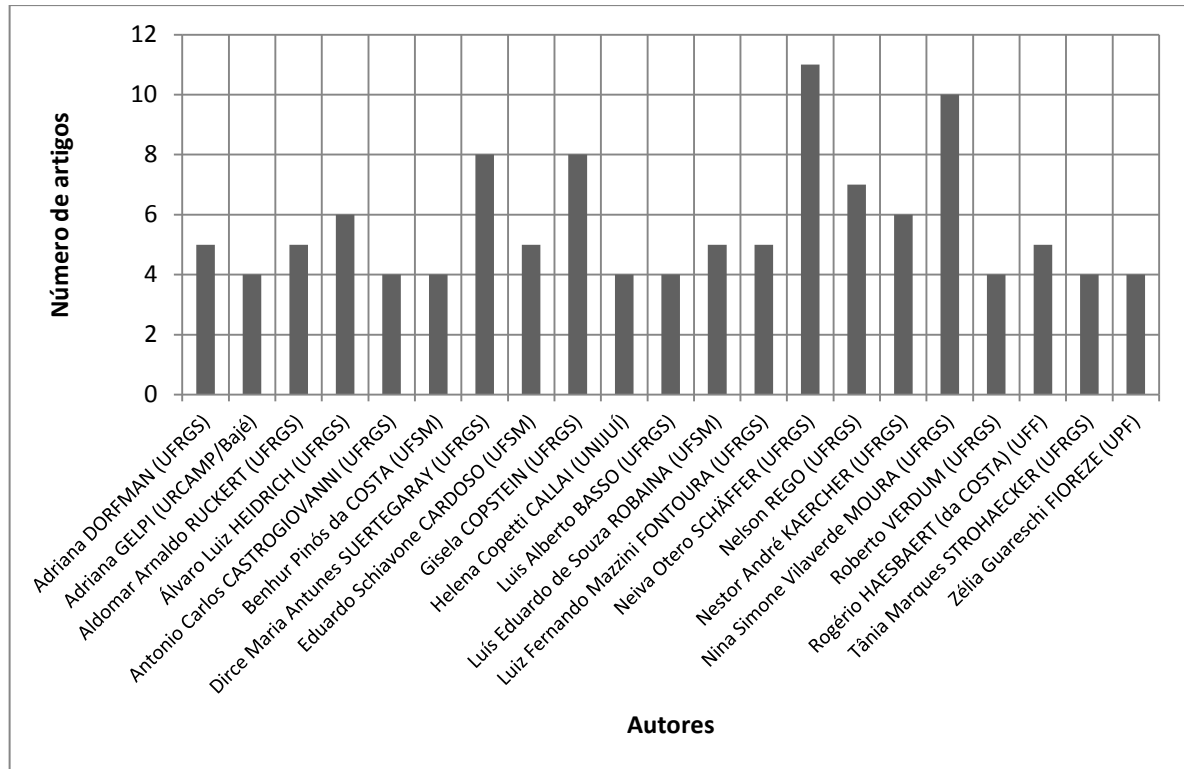
Gráfico 03 – Artigos do BGG: número médio de páginas para cada ano



Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelo autor.

Ao observar as publicações, percebemos que alguns autores se destacam, ou seja, tiveram vários artigos publicados no BGG. Os autores com mais de três artigos publicados são vinte e um, conforme Gráfico 04, sendo que a maioria está ou esteve vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Gráfico 04 – Autores com mais de três artigos publicados no BGG, período 1974-2016

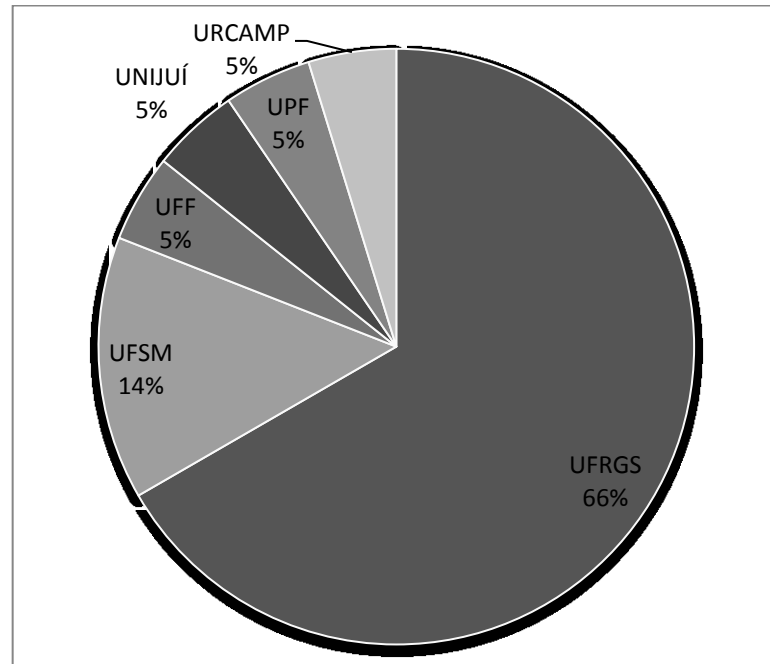


Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelo autor.

Observando o Gráfico 04, constatamos que todos os autores com mais de cinco artigos publicados no BGG estão ou estiveram vinculados à UFRGS. Dentre os vinte e um autores apresentados, mais de 60% deles possuem ou possuíram vínculo com a UFRGS, sendo os outros autores, representantes das instituições de ensino: UFSM, UFF, UNIJUÍ, UPF e URCAMP.

A distribuição percentual dos autores com mais de 3 artigos publicados no BGG entre 1974 e 2016, por instituição de ensino, está representada no Gráfico 05. São 6 instituições onde 66% dos autores pertencem à UFRGS, 14% pertencem à UFSM e os outros 20% distribuem-se igualmente entre as outras 4 instituições (UFF, UNIJUÍ, UPF, URCAMP).

Gráfico 05 – Distribuição dos autores com mais de 3 artigos publicados no BGG (1974-2016), por instituição de ensino



Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelo autor.

Quanto à estrutura dos artigos, observamos que os primeiros textos, sobretudo da década de 1970, possuem estruturas variadas. Não apresentam resumo, alguns artigos possuem qualificações do autor, enquanto outros não trazem estas informações. Os textos podem apresentar introdução ou não. Considerações finais (ou conclusões) podem estar presentes ou não, sendo que o número de páginas também é bastante variável: um artigo de Álvaro L. Heidrich, publicado em 1979, possui 5 páginas, enquanto que um artigo de Raphael Copstein, publicado em 1975, possui 45 páginas.

Com o passar do tempo, o BGG foi sendo melhor estruturado. A partir de 2002 os artigos passam a apresentar resumo e a variabilidade em relação ao número de páginas dos artigos diminui. Introdução e considerações finais (ou conclusões) tornam-se frequentes, embora ainda não sejam padrão, pois dentre as publicações da década de 2010 ainda encontramos artigos sem a presença de tópicos como considerações finais (ou conclusões) e/ou introdução.

Feitas as considerações iniciais/gerais referentes ao BGG, passaremos ao estudo da GE presente no boletim objeto deste estudo, a começar pela década de 1970. Lembramos que os textos são considerados de GE ou não a partir da definição de GE apresentada por Nunes (2000). Os textos selecionados foram classificados por temática (NUNES, 2000), abordagem

(NUNES, 2000; ALVES, 2012), corrente do pensamento geográfico (MORAES, 2007) e fase ou tema central da GE (SILVA, 1978).

3.2 A GEOGRAFIA ECONÔMICA (1974-1999)

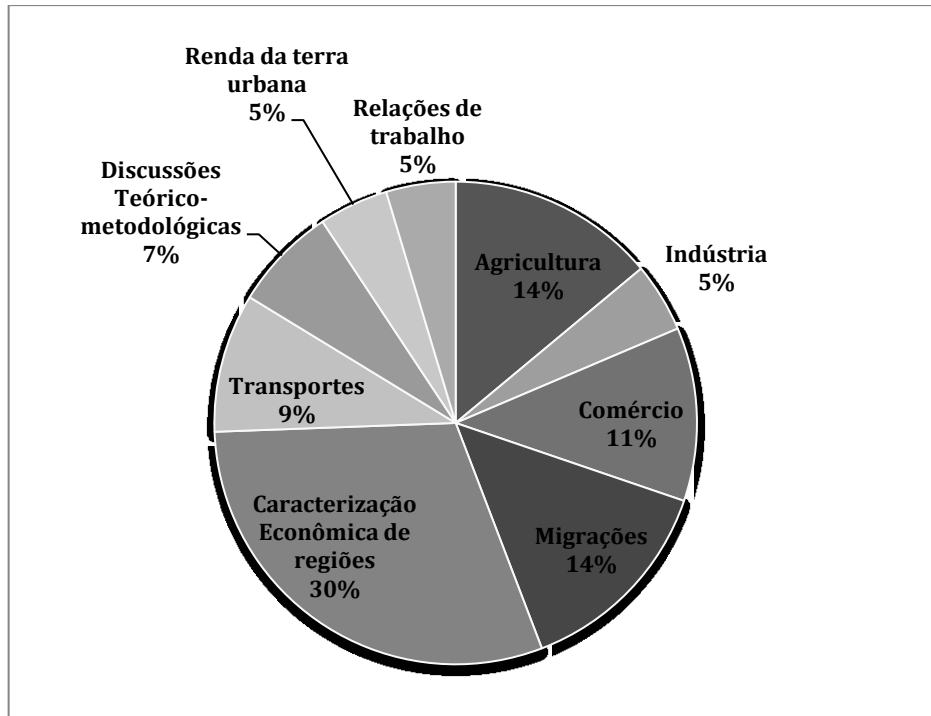
De 1974 a 1999, o BGG publicou 154 artigos dentre os quais classificamos 43 como sendo de GE, ou seja, considerando o período em estudo, a GE esteve presente em aproximadamente 28% dos trabalhos.

3.2.1 As temáticas

No trabalho de Flaviana Gasparotti Nunes (2000) são apresentadas 25 temáticas referentes à GE: relações de trabalho, migrações, caracterização econômica de regiões, transportes, discussões teórico-metodológicas, artesanato/garimpo, renda da terra urbana, 7 temáticas relativas à agricultura (modernização, pequena produção, relações de trabalho, quadros agrários e agrícolas – atividades, agricultura e produção do espaço, cooperativas, agroindústria), 4 temáticas relativas à indústria (ramos, estudo de caso – local, distritos, tecnopólos) e 7 temáticas relativas ao comércio (ambulante, shopping centers, atacado, franquias, varejo, regional – estudo de caso, supermercados e entrepostos). Porém, considerando que não foram encontradas todas as temáticas de agricultura, indústria e comércio, optamos por representar no Gráfico 06, agricultura como sendo uma única temática, procedendo da mesma forma para a indústria e para o comércio.

Observando o Gráfico 06, percebemos que a temática mais expressiva nos artigos de GE analisados é “caracterização econômica de regiões”, correspondendo a 30% dos artigos. Destacam-se também as temáticas: “migrações” e “agricultura”, com 14% dos trabalhos para cada uma e “comércio”, correspondendo a 11% do total de trabalhos analisados. O tema “transportes” aparece em 9% dos artigos e o tema “discussões teórico-metodológicas” em 7% dos trabalhos. Os temas “indústria”, “renda da terra urbana” e “relações de trabalho” correspondem, cada um, a 5% dos artigos. Percebemos, também, a ausência da temática “artesanato/garimpo”, pois ela não foi encontrada em nenhum dos artigos analisados.

Gráfico 06 – Distribuição das temáticas da GE do BGG (1974-1999)



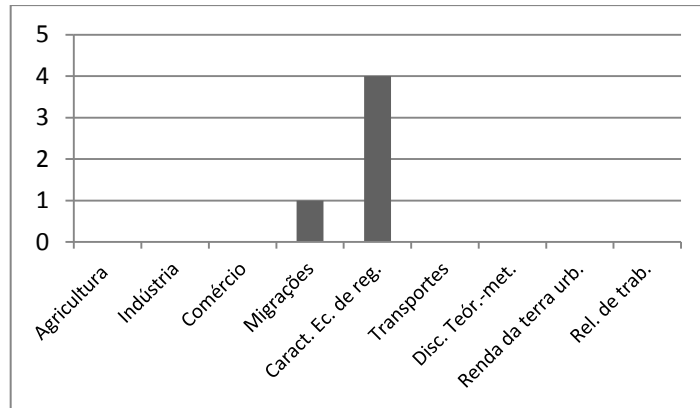
Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelo autor.

Detalhando os assuntos relativos à agricultura, à indústria e ao comércio é possível fazer as seguintes considerações: dentre os 6 trabalhos de GE referentes à agricultura, 3 foram classificados como “agricultura e produção do espaço” e os outros 3 como “agricultura (pequena produção)”; em relação à indústria, foram encontrados apenas 2 artigos, sendo 1 “indústria (tecnopólos)” e 1 “indústria (distritos)”; para o comércio, são 4 “comércio regional (estudo de caso)” e 1 “comércio (shopping centers)”.

Comparando este estudo com o efetuado por Nunes (2000), no estado de São Paulo (SP), percebemos nítida diferença: no RS a temática mais estudada não é agricultura. Se na investigação feita nos trabalhos de pós-graduação da USP e da Universidade Estadual Paulista (UNESP), no período de 1970 a 1998, a agricultura foi o tema mais estudado, no BGG, no período de 1974 a 1999, a temática que mais aparece é caracterização econômica de regiões.

Dividindo os trabalhos por década, podemos dizer que a década de 1970 é de pouca expressão, uma vez que são apenas 5 artigos, representando apenas duas temáticas. Nesta década predominou a temática “caracterização econômica de regiões” (Gráfico 07).

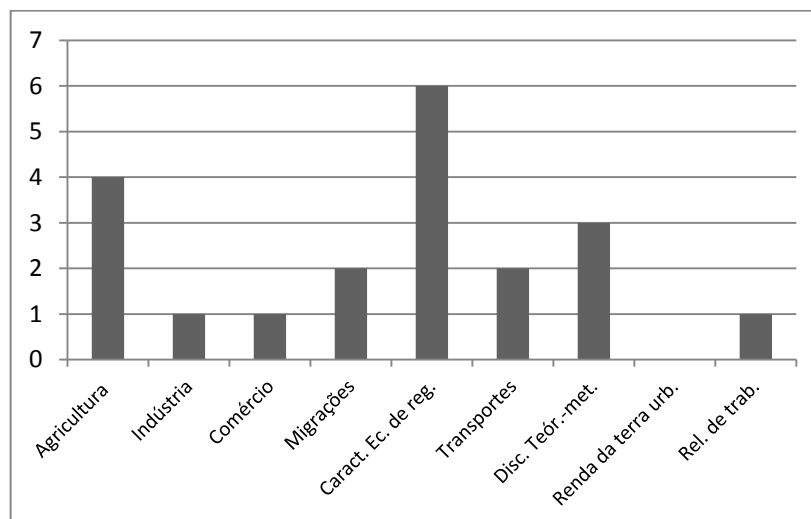
Gráfico 07 – Temáticas da GE do BGG na década de 1970



Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelo autor.

A década de 1980 é a que apresenta maior número de artigos de GE. São 20 artigos em um total de 56 artigos publicados no BGG. A temática “caracterização econômica de regiões”, como na década anterior, é a mais expressiva, mas surgem outras temáticas. O tema “agricultura” aparece como o segundo em ordem de importância, seguido de “discussões teórico-metodológicas” e “migrações” (Gráfico 08).

Gráfico 08 – Temáticas da GE do BGG na década de 1980

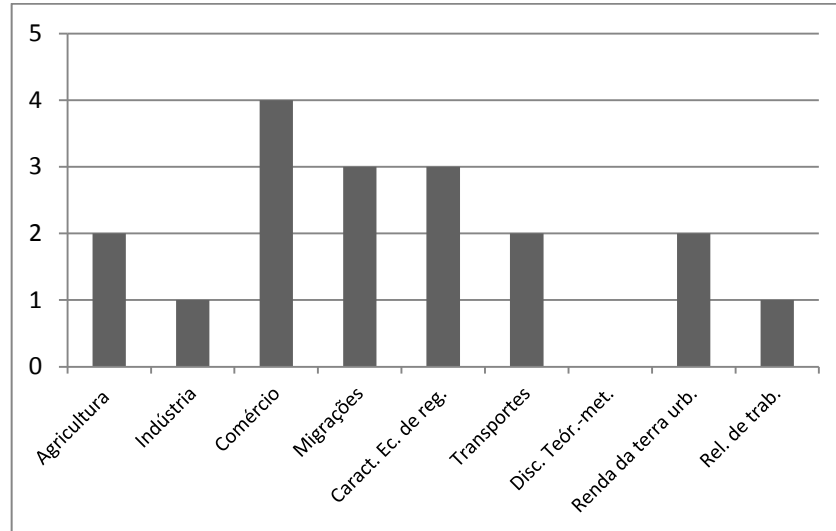


Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelo autor.

Já na década de 1990, a temática “caracterização econômica de regiões” perde importância. Nesta década é a temática “comércio” que se destaca. Os temas “migrações” e “caracterização econômica de regiões” aparecem em segundo lugar na ordem de importância.

Com um mesmo número de trabalhos, aparecem: “agricultura”, “transportes” e “renda da terra urbana” (Gráfico 09).

Gráfico 09 – Temáticas da GE do BGG na década de 1990



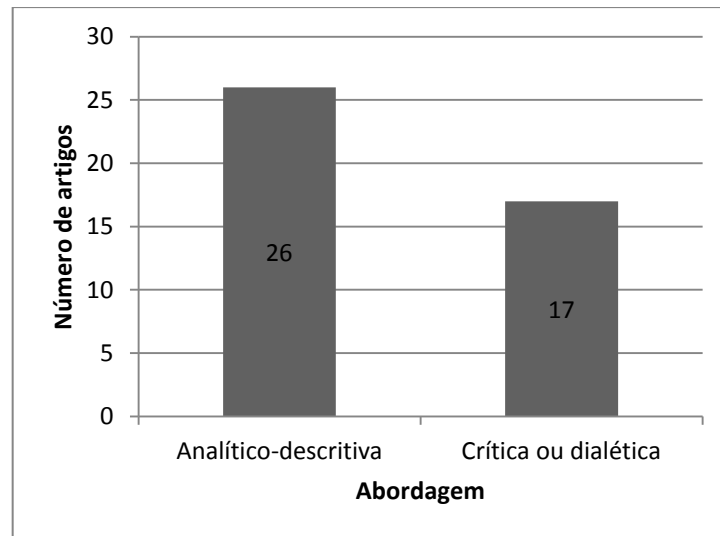
Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelo autor.

3.2.2 As abordagens

Como já afirmamos anteriormente, tratando-se de abordagens teórico-metodológicas, estamos considerando duas propostas de classificação, começando pela proposta de Nunes (2000). Esta autora considerou para a GE apenas duas abordagens: analítico-descritiva e crítica ou dialética, identificando certa equivalência entre as duas abordagens nas dissertações e teses produzidas no estado de São Paulo entre 1970 e 1998.

Comparando os resultados obtidos por Nunes (2000), no estudo da GE produzida nos cursos de pós-graduação do estado de São Paulo, com a análise dos artigos do BGG feita por nós, percebemos uma diferença: a predominância da abordagem analítico-descritiva nos artigos do BGG. Este resultado pode ser observado no Gráfico 10.

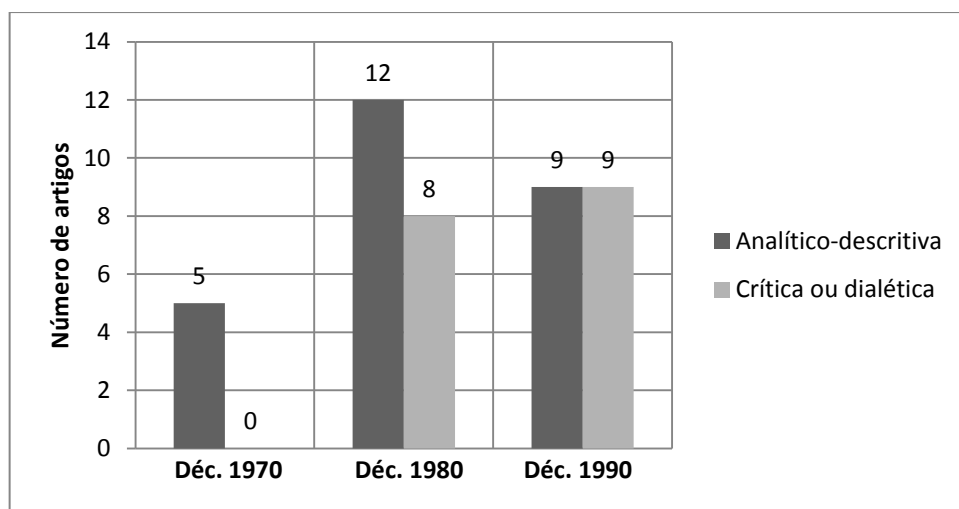
Gráfico 10 – Abordagens da GE do BGG (1974-1999), de acordo com Nunes (2000)



Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelo autor.

Entretanto se considerarmos as abordagens por década, constatamos que na década de 1990 elas se equivalem (Gráfico 11). A abordagem crítica ou dialética surge na década de 1980 e se torna mais comum nos artigos de GE da década de 1990. Tanto no trabalho de Nunes (2000), quanto em nosso trabalho, percebemos um crescimento da abordagem crítica da década de 1980 para a década de 1990.

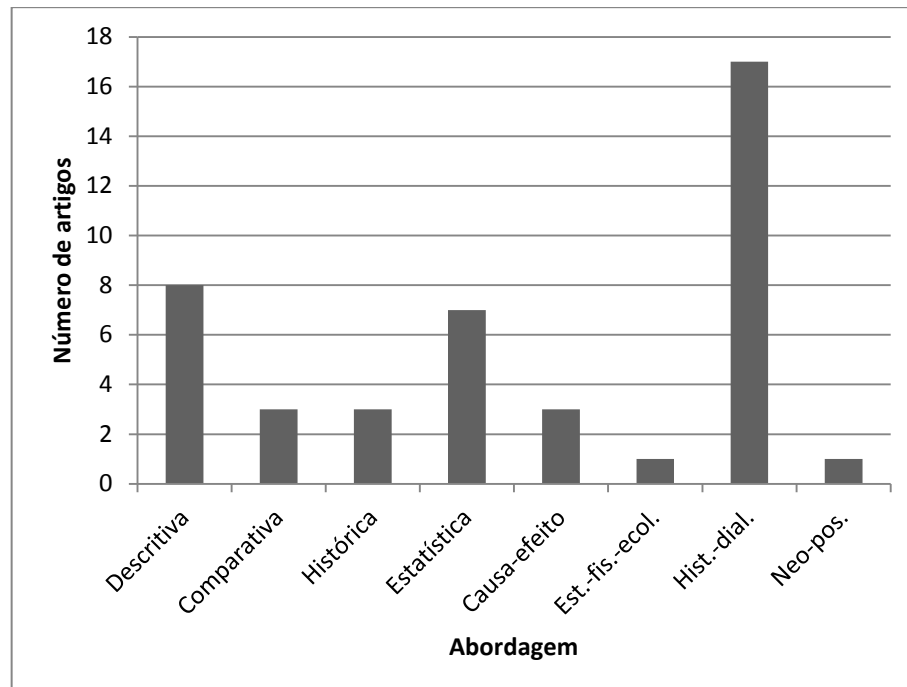
Gráfico 11 – Abordagens da GE do BGG, por década, de acordo com Nunes (2000)



Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelo autor.

Tomando por modelo o trabalho de Alves (2012), verificamos onze abordagens diferentes: descritiva, histórica, estatística, comparativa, causa-efeito, determinista, estatístico-fisionômico-ecológico, histórico-dialética, neo-positivista, sociológica, sistemática. Tais abordagens constituem um detalhamento da abordagem analítico-descritiva apresentada por Nunes (2000), pois em nossa análise consideramos todos os trabalhos de geografia crítica como sendo de abordagem histórico-dialética. O Gráfico 12 apresenta as abordagens dos artigos de GE do BGG, de acordo com Alves (2012).

Gráfico 12 – Abordagens da GE do BGG (1974-1990), de acordo com Alves (2012)



Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelo autor.

Na análise dos artigos do BGG identificamos 8 das 11 abordagens apresentadas por Alves (2012), os seja, não identificamos as abordagens determinista, sistemática e sociológica. Entretanto, destacamos que esta pesquisa não tem a pretensão de encerrar o assunto. Um estudo mais aprofundado, levando em consideração as referências utilizadas por Alves (2012) e, talvez outros autores, poderia trazer resultados diferentes. Acreditamos que a abordagem histórico-dialética poderia ser fracionada entre histórico-dialética e sociológica, por exemplo.

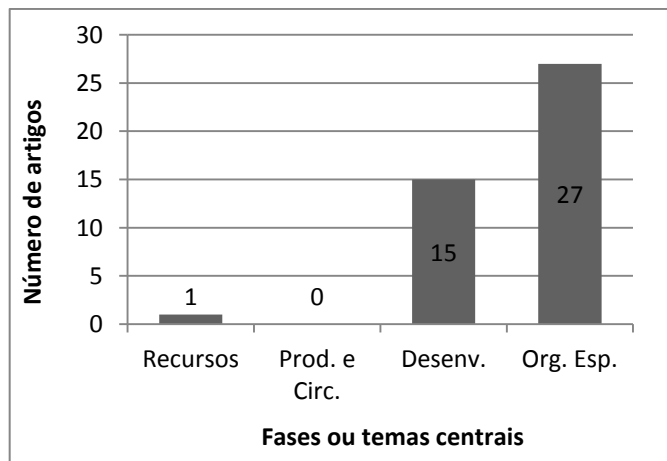
Pela definição apresentada por Alves (2012, p. 325), a abordagem sociológica tem seu enfoque voltado “[...] para as análises da sociedade e das demandas da população, decorrente das influências das outras áreas do conhecimento, ou seja, a inserção de teorias de outras ciências na geografia, bem como o pluralismo metodológico adotado por alguns geógrafos.” Pela definição considerada, ou seja, análise da sociedade a partir de outras ciências, não classificamos nenhum artigo nesta abordagem.

De acordo com o autor que nos serve de base, a abordagem sistemática consiste em “descrever a totalidade dos elementos regionais de forma sistemática e geral” e “a abordagem determinista está centrada nas imposições que o meio físico exerce na constituição das sociedades.” Em nosso entendimento, considerando estas definições, os trabalhos analisados não tinham como principal abordagem o aspecto sistemático e nem o aspecto determinista.

3.2.3 As fases ou temas centrais

Como já afirmamos em nosso referencial teórico, a GE produzida no Brasil pode ser classificada por temas centrais, fases ou períodos. Estes períodos estão presentes nos artigos do BGG, principalmente o período ou fase mais recente. Observando o Gráfico 13, percebemos que o tema central do último período da GE brasileira é o de maior expressão nos artigos analisados.

Gráfico 13 – Os temas centrais da GE do BGG (1974-1999)



Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelo autor.

Se observarmos a GE do BGG por década, considerando o período em estudo, identificamos a presença do tema “organização do espaço” nas três décadas, enquanto a temática “desenvolvimento e subdesenvolvimento” aparece principalmente na década de 1980. Esta informação é evidenciada na Tabela 01.

Tabela 01 – Distribuição dos temas centrais da GE do BGG (1974-1999), por década

As fases da GE do BGG - Nº de artigos					
Década	Recursos naturais e humanos	Produção e Circulação	Desenvolvimento e subdesenvolvimento	Organização do Espaço	Total
70	0	0	0	5	5
80	1	0	10	9	20
90	0	0	5	13	18
Total	1	0	15	27	43

Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelo autor.

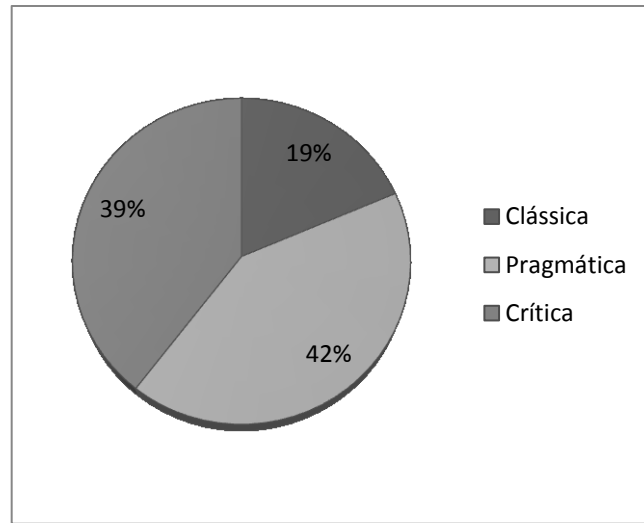
Enquanto a fase caracterizada pelo estudo de questões relacionadas ao desenvolvimento e subdesenvolvimento marcou a década de 1980, no BGG, o estudo da organização do espaço perpassa as três décadas. Sendo assim, é correto afirmar que o tema central da GE presente no BGG, entre 1974 e 1999, é a organização do espaço.

Quanto aos temas que, de acordo com Silva (1978), foram centrais na GE brasileira das décadas de 1940 e 1950, percebemos que já não estão mais presentes. Os trabalhos de GE focados nos recursos naturais e humanos ou na produção industrial são coisa do passado. A presença do um artigo da década de 1980, classificado com tema central recursos humanos, é irrelevante, sobretudo por estar isolado na década central do período em estudo, não configurando uma tentativa de retorno da fase ultrapassada.

3.2.4 A presença das principais correntes da Geografia

Considerando as três principais correntes da Geografia, identificamos nos artigos analisados a predominância da Geografia Pragmática. Entretanto esta predominância é pouco expressiva, uma vez que a diferença para a Geografia Crítica é de apenas 3 pontos percentuais (Gráfico 14).

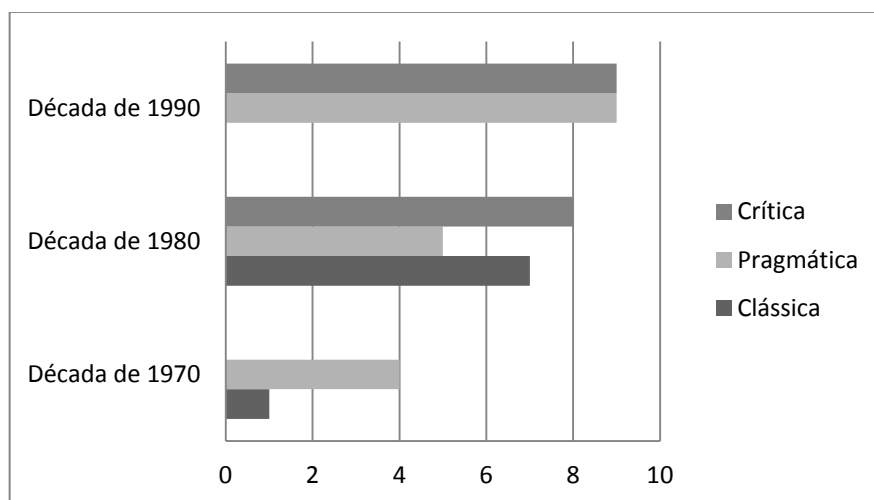
Gráfico 14 – A GE do BGG e as principais correntes da Geografia



Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelo autor.

Analisando a presença das três correntes por década, constatamos a ausência da Geografia Crítica na década de 1970, a presença das três correntes na década de 1980 e a ausência da Geografia Clássica na década de 1990. Na última década estudada constatamos uma equivalência na distribuição dos trabalhos entre as correntes Crítica e Pragmática (Gráfico 15).

Gráfico 15 – A GE do BGG e as principais correntes da Geografia, por década



Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelo autor.

Uma vez demonstrado o perfil das publicações veiculadas ao periódico estudado, passamos à etapa seguinte, onde faremos uma síntese e uma avaliação dos artigos de GE

quanto às suas principais temáticas e abordagens teórico-metodológicas, com base nas informações obtidas no BGG.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da revisão de literatura procuramos apresentar aquilo que constitui a gênese do pensamento geográfico, da ciência geográfica e da Geografia Brasileira. Percebemos que a GE já está incorporada no pensamento geográfico Grego da Antiguidade, desenvolve-se na Europa da Idade Contemporânea como uma especialização da Geografia, sendo representada no Brasil a partir da metade do século passado, inicialmente pela obra de Pierre George traduzida do idioma francês e, logo em seguida, por obras nacionais como as de Haddock Lobo, Alabi Lucci e Correia de Andrade.

Constatamos que o BGG tem uma história de melhoria na estruturação e quantidade de artigos publicados, tornado-se, cada vez mais, uma referência na divulgação do conhecimento geográfico e da GE. O periódico representa, sobretudo, a Geografia produzida pelos geógrafos ligados à AGB - secção Porto Alegre.

Na década de 1970 foram publicados no BGG 12 artigos, sendo 5 de GE. Em relação às temáticas, um dos trabalhos tem como tema a migração e os outros se enquadram na classificação caracterização econômica de regiões. Pela classificação de Nunes (2000), só aparece a abordagem analítico-descritiva, sendo que para Alves (2012) são dois artigos com abordagem estatística, e um artigo de cada uma das abordagens: histórica, causa-efeito, comparativa. Nesta década, os textos de GE tratam da organização do espaço, um deles remete para a geografia clássica e os outros para a geografia pragmática.

A década de 1980 possui 56 artigos, sendo 20 trabalhos de GE. Quanto às temáticas, são 6 artigos com caracterização econômica de região, 4 com agricultura, 2 com transportes, 2 com migrações, 3 com discussão teórico-metodológica, aparecendo também indústria, comércio regional e relações de trabalho. Dentre as abordagens, são 8 crítica e 12 analítico-descritiva (NUNES, 2000) ou 8 histórico-dialética, 7 descritiva, 2 estatística, aparecendo também as abordagens causa-efeito, neo-positivista e estatístico-fisionômico-ecológico (ALVES, 2012). São 9 trabalhos que tratam da organização do espaço, 10 que tratam de desenvolvimento e subdesenvolvimento e 1 que trata de recursos naturais e humanos. São 8 artigos de geografia crítica, 7 artigos de geografia clássica e 5 artigos de geografia pragmática.

As publicações da década de 1990 totalizam 86 artigos, sendo 18 de GE. Dentre as temáticas: são 2 artigos de agricultura, 1 de indústria, 4 de comércio, 3 de migrações, 3 de caracterização econômica de regiões, 2 de transportes, 2 de renda da terra urbana e 1 de relações de trabalho. As abordagens presentes são: 9 analítico-descritiva e 9 crítica ou 1

descritiva, 2 comparativa, 2 histórica, 3 estatística, 1 causa-efeito, 9 histórico-dialética. Em relação às fases da GE, são 5 artigos da terceira fase e 13 artigos da quarta fase. São 9 artigos de geografia pragmática e, também, 9 artigos de geografia crítica.

Identificamos a caracterização econômica de regiões como a principal temática da GE presente no BGG, no período de 1974 a 1999, correspondendo a 30% dos artigos. Dentre as temáticas consideradas, ela aparece em primeiro lugar, ou seja, com maior número de artigos, nas décadas de 1970 e de 1980, estando presente também na década de 1990, mas perdendo espaço pelo tema comércio.

As temáticas migrações e agricultura, com 14% dos trabalhos para cada uma e “comércio”, correspondendo a 11% do total de trabalhos analisados, aparecem em segundo e terceiro lugar, respectivamente, no período de 1974 a 1999. O tema comércio não aparece na década de 1970, mas está presente nas duas últimas décadas, sendo que apresenta o maior número de trabalhos na década de 1990.

A abordagem ou tendência teórico-metodológica analítico-descritiva é a mais frequente no BGG, de 1974 a 1999. Esta abordagem é a que aparece em maior número de trabalhos nas décadas de 1970 e 1980. Já na década de 1990, as abordagens analítico-descritiva e crítica igualam-se, em número de artigos. Confirmamos aqui a constatação de Nunes (2000) quando afirma que na década de 1970 predomina a abordagem analítico-descritiva (ou empírico-analítica), mas esta abordagem vai perdendo espaço para a abordagem crítica ou dialética que aparece na década de 1980 e se torna mais frequente na década de 1990. A constatação feita para o estado de São Paulo é, também, válida aqui.

Se considerarmos as abordagens segundo Alves (2012), temos predomínio da abordagem histórico-dialética, mas isso só ocorre porque este autor fragmenta a abordagem que Nunes (2000) chama de analítico-descritiva.

O tema central ou fase da GE que predomina no período estudado é organização do espaço, estando presente nas três décadas estudadas. Apenas na década de 1980 é que predominam os trabalhos classificados na fase ou tema central desenvolvimento e subdesenvolvimento.

Esta pesquisa permitiu que pudéssemos compreender a trajetória da GE dentro do BGG, no período de 1974 a 1999, identificando o total de trabalhos de GE, a distribuição das temáticas e das abordagens relativas a estes artigos, bem como o quantitativo de trabalhos referentes a cada fase ou tema central da GE.

Dentre as dificuldades encontradas na feitura desta pesquisa, podemos destacar duas como principais: encontrar trabalhos referentes à GE brasileira e, sobretudo, rio-grandense e

definir o percurso metodológico a seguir em nossa investigação. Desta forma tivemos que ler vários textos em busca de um direcionamento, o que demandou bastante tempo. Percebemos que os livros de GE mais recentes limitam-se em apresentar as atividades econômicas, não discutindo a GE em si, ou seja, não definem o que é a GE.

Como sugestão relativa ao estudo da GE produzida e/ou publicada no RS, percebemos algumas possibilidades, dentre as quais: dar continuidade a este trabalho, revisando o que foi feito e englobando os artigos da GE do BGG publicados de 2000 a 2016; fazer um estudo da GE dos cursos de pós-graduação do estado do RS, algo parecido com o que Nunes (2000) fez no estado de São Paulo; investigar a GE no Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul (BGRS). Isso se considerarmos apenas o estudo a partir de pesquisa bibliográfica.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Flamarion Dutra. Abordagens metodológicas da Geografia Agrária clássica brasileira. **Caminhos da Geografia**, Uberlândia: Universidade Federal de Alfenas, v. 13, n. 42, jun., 2012.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia Econômica**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- ANTUNES, Charles da França. **A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) – origens, idéias e transformações**: notas de uma história. Niterói: UFF, 2008.
- BECKER, Elsbeth Léia Spode. **História do pensamento geográfico**. Santa Maria: Unifra, 2006.
- BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA. **Capa**. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/bgg>>. Acesso em: 8 dez. 2017.
- _____. **Histórico**. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/about/history>>. Acesso em: 8 dez. 2017.
- CARDOSO, Eduardo Schiavone. Os boletins das seções regionais da AGB de meados do século XX e a Geografia do Rio Grande do Sul. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre: AGB, v. 42, n.1, p. 84-93, jan., 2015.
- CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito; VIADANA, Adler Guilherme. Fundamentos históricos da geografia: contribuições do pensamento filosófico na Grécia antiga. In: GODOY, Paulo R. Teixeira de (Org.). **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- CLAVAL, Paul. Geografia Econômica e Economia. **GeoTextos**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 11-27, 2005.
- GAMA, António. Uma ruptura epistemológica na Geografia: a teoria dos lugares centrais. **Revista crítica de ciências sociais**, [Coimbra], n. 12, p. 41-59, 1983.
- GEORGE, Pierre. **Geografia Econômica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundo de cultura, 1970.
- _____. **Os métodos da geografia**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- LACOSTE, Yves. **Geografia**: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1989.
- LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Edusp, 2003.
- LOBO, R. Haddock. **Geografia Econômica**. São Paulo: Atlas, 1965.
- LUCCI, Elian Alabi. **Geografia Econômica**: Geografia do desenvolvimento econômico mundial e do Brasil. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1975.

_____. **Geografia Econômica**: O quadro político, humano e econômico do Brasil e do mundo. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1982.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia**: pequena história crítica. 21. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

MORAES, Marcos Antônio de; FRANCO, Paulo Sérgio Silva. **Geografia Econômica**: Brasil de colônia a colônia. 2. ed. São Paulo: Átomo, 2010.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro**: as matrizes clássicas originárias. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **O pensamento geográfico brasileiro**: as matrizes da renovação. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **O que é Geografia**. 2. ed. (2. reimpr.), São Paulo: Brasiliense, 2012.

NUNES, Flaviana Gasparotti. **A Geografia Econômica na produção científica acadêmica dos programas de pós-graduação em Geografia no Estado de São Paulo (1970-1998)**. 2000. 151 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental) – Universidade Estadual Paulista, curso de pós-graduação em Geografia, Presidente Prudente: FCT, 2000.

PIRES DO RIO, Gisela A. A espacialidade de economia: superfícies, fluxos e redes. In: **Olhares geográficos**: modos de ver e viver o espaço. CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

SILVA, Armando C. da. **O Espaço fora do lugar**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Eстера Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

APÊNDICE I

ARTIGOS CONSIDERADOS PERTENCENTES AO CAMPO DA GEOGRAFIA ECONÔMICA

Década de 1970

Título do artigo/ano	A distribuição de rendas em Rio Grande – 1876/1974	
Temática de Nunes (2000)	Caracterização econômica de regiões	Pesquisa a existência de um zoneamento urbano a partir das diferenças de renda dos eleitores.
Abordagem de Alves (2012)	Estatística	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia Pragmática	

Título do artigo/ano	As funções básicas das cidades gaúchas/1975	
Temática de Nunes (2000)	Caracterização econômica de regiões	Determina a função regional da população urbana a partir das atividades econômicas.
Abordagem de Alves (2012)	Comparativa	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia Pragmática	

Título do artigo/ano	O trabalho estrangeiro no município de Rio Grande/1975	
Temática de Nunes (2000)		Faz um histórico do trabalho dos imigrantes estrangeiros (progressos e reveses)
	Migrações	
Abordagem de Alves (2012)	Histórica	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia clássica	

Título do artigo/ano	Contribuição ao estudo da estrutura urbana de Porto Alegre/1977	
Temática de Nunes (2000)	Caracterização econômica de regiões	Analisa a estrutura urbana a partir de informações sobre população, valor dos terrenos e distribuição das atividades econômicas.
Abordagem de Alves (2012)	Estatística	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia pragmática	

Título do artigo/ano	Porto Alegre em busca de um modelo de estrutura urbana/1979	
Temática de Nunes (2000)	Caracterização econômica de regiões	Busca um modelo de

		distribuição de atividades econômicas e funções residenciais.
Abordagem de Alves (2012)	Causa-efeito	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia pragmática	

Década de 1980

Título do artigo/ano	O pólo petroquímico do Rio Grande do Sul/1981	
Temática de Nunes (2000)	Indústria (Tecnopólos)	Aborda a implantação do polo petroquímico, características da área do polo, criação da companhia petroquímica do sul, questões ambientais.
Abordagem de Alves (2012)	Descritiva	
Fase de Silva (1978)	Desenvolvimento e subdesenvolvimento	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia clássica	

Título do artigo/ano	Considerações sobre a estruturação espacial do sistema viário no extremo sul brasileiro (RS e SC)/1981	
Temática de Nunes (2000)	Transportes	Defende a ideia de que os eixos viários da região sul do Brasil são voltados ao escoamento da produção ao invés de favorecer o desenvolvimento da própria região.
Abordagem de Alves (2012)	Descritiva	
Fase de Silva (1978)	Desenvolvimento e subdesenvolvimento	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia clássica	

Título do artigo/ano	As pequenas cidades coloniais do norte do Rio Grande do Sul/1981	
Temática de Nunes (2000)	Agricultura e produção do espaço	Começa o artigo com considerações sobre o censo demográfico de 1970 e, em seguida, trata da colonização do norte do RS; divide a produção agrícola em 2 fases (agricultura colonial e modelo agrícola

		exportador).
Abordagem de Alves (2012)	Descritiva	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia clássica	

Título do artigo/ano	Rio Grande do Sul: uma proposta de regionalização/1983	
Temática de Nunes (2000)	Caracterização econômica de regiões	Trata do fortalecimento dos centros regionais, sendo POA um centro cada vez mais hegemônico.
Abordagem de Alves (2012)	Histórico-dialética	
Fase de Silva (1978)	Desenvolvimento e subdesenvolvimento	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia crítica	

Título do artigo/ano	A ação antrópica como agente geomórfico: um estudo na Bacia do Rio Toropi – RS/1983	
Temática de Nunes (2000)	Agricultura e produção do espaço	Apresenta a atividade agrícola como potencializadora do processo erosivo na medida em que adere ao modelo agroexportador.
Abordagem de Alves (2012)	Estatístico-fisionômico-ecológico	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia pragmática	

Título do artigo/ano	O significado das migrações em sociedades periféricas: comentários a partir do caso brasileiro/1983	
Temática de Nunes (2000)	Migrações	Percebe a migração como uma consequência do sistema capitalista, um sistema que necessita que exista mão de obra de reserva para sua manutenção/expansão.
Abordagem de Alves (2012)	Histórico-dialética	
Fase de Silva (1978)	Recursos (humanos)	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia crítica	

Título do artigo/ano	O centro de comércio e serviços de Porto Alegre/1983	
Temática de Nunes (2000)	Comércio regional (Estudo de caso)	Identifica, delimita e classifica as atividades de comércio e serviços do centro de POA
Abordagem de Alves (2012)	Descritiva	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	

Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia clássica	
---------------------------------------	--------------------	--

Título do artigo/ano	Região sul - ocupação territorial no período de 1950-1970/1984	
Temática de Nunes (2000)	Caracterização econômica de regiões	Trata de aspectos populacionais: urbanização e distribuição da população, em função da oferta de trabalho.
Abordagem de Alves (2012)	Descritiva	
Fase de Silva (1978)	Desenvolvimento e subdesenvolvimento	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia clássica	

Título do artigo/ano	Emancipações distritais - notas de discussão/1984	
Temática de Nunes (2000)	Discussões teórico-metodológicas	Relaciona emancipações distritais com urbanização e com o comportamento do capitalismo urbano industrial e financeiro.
Abordagem de Alves (2012)	Histórico-dialética	
Fase de Silva (1978)	Desenvolvimento e subdesenvolvimento	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia crítica	

Título do artigo/ano	Constituição da periferia em Caxias do Sul/1984	
Temática de Nunes (2000)	Migração	Trata da urbanização, da valorização do solo urbano e do surgimento dos loteamentos irregulares.
Abordagem de Alves (2012)	Histórico-dialética	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia crítica	

Título do artigo/ano	Rio Grande do Sul - Microrregiões Homogêneas/1985	
Temática de Nunes (2000)	Caracterização econômica de regiões	Apresenta as 24 microrregiões homogêneas do RS e os novos municípios criados na década de 1980. Afirma que as microrregiões foram definidas a partir de aspectos da agricultura, indústria, transportes e setor terciário.
Abordagem de Alves (2012)	Descritiva	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia clássica	

Título do artigo/ano	O Enfoque da Distância em Problemas Envolvendo Baldeação/1985	
-----------------------------	---	--

Temática de Nunes (2000)	Transportes	Trata de problemas de localização de clientes e instalações, buscando um modelo eficiente de distribuição de bens.
Abordagem de Alves (2012)	Neo-positivista	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia pragmática	

Título do artigo/ano	Desenvolvimento, Espaço Agrário e Trabalhador Rural/1985	
Temática de Nunes (2000)	Discussões teórico-metodológicas	Trata das teorias capitalistas de desenvolvimento econômico e social apresentadas aos países do terceiro mundo, afirmando que elas não conseguem atingir toda a população.
Abordagem de Alves (2012)	Histórico-dialética	
Fase de Silva (1978)	Desenvolvimento e subdesenvolvimento	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia crítica	

Título do artigo/ano	Algumas Reflexões em torno da Geografia Agrária/1985	
Temática de Nunes (2000)	Discussões teórico-metodológicas	Discute os problemas agrários do Brasil, apresentando a reforma agrária como alternativa para melhorar a vida no campo.
Abordagem de Alves (2012)	Histórico-dialética	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia crítica	

Título do artigo/ano	Distribuição geográfica das creches no município de Porto Alegre/1986	
Temática de Nunes (2000)	Caracterização econômica de regiões	Estudo das creches, buscando uma relação estatística entre número de habitantes/renda e número de creches.
Abordagem de Alves (2012)	Estatística	
Fase de Silva (1978)	Desenvolvimento e subdesenvolvimento	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia pragmática	

Título do artigo/ano	Porto Alegre - do final do século XIX ou do início do século XX/1986	
Temática de Nunes (2000)	Caracterização econômica de regiões	Descreve o crescimento da cidade, justificando, assim,

		a necessidade de ampliação dos diversos níveis do ensino, sobretudo o ensino superior.
Abordagem de Alves (2012)	Descritiva	
Fase de Silva (1978)	Desenvolvimento e subdesenvolvimento	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia tradicional	

Título do artigo/ano	Capitalismo, natureza e a fronteira agrícola amazônica/1986	
Temática de Nunes (2000)	Agricultura e produção do espaço	Analisa a expansão da fronteira agrícola, considerando as relações sociais entre colonos e grandes empresas, e seu efeito no ambiente natural (aspecto ecológico).
Abordagem de Alves (2012)	Causa-efeito	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia pragmática	

Título do artigo/ano	Os agentes modeladores do novo espaço capitalista da Campanha Gaúcha/1987	
Temática de Nunes (2000)	Caracterização econômica de regiões	Levantamento dos principais agentes desestruturantes do tradicional espaço da Campanha Gaúcha.
Abordagem de Alves (2012)	Estatística	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia pragmática	

Título do artigo/ano	A experiência de autogestão dos trabalhadores agrários de Nova Ronda Alta e o seu significado para o Movimento dos Sem-Terra/1987	
Temática de Nunes (2000)	Agricultura (Pequena produção)	Trata de uma experiência de autogestão da produção agrícola em um grupo de 10 famílias de agricultores beneficiados pela reforma agrária.
Abordagem de Alves (2012)	Histórico-dialética	
Fase de Silva (1978)	Desenvolvimento e subdesenvolvimento	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia crítica	

Título do artigo/ano	O ciclo do papel, da coleta ao reprocessamento: personagens e estrutura/1988	
Temática de Nunes (2000)	Relações de Trabalho	Estudo dos ciclos

		econômicos, inferior e superior, e da atuação dos papeiros.
Abordagem de Alves (2012)	Histórico-dialética	
Fase de Silva (1978)	Desenvolvimento e subdesenvolvimento	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia crítica	

Década de 1990

Título do artigo/ano	Projetos de integração regional e o conceito de fronteira/1991	
Temática de Nunes (2000)	Comércio regional	Discute a integração regional entre países como forma de reduzir a dependência centro-periferia.
Abordagem de Alves (2012)	Histórico-dialética	
Fase de Silva (1978)	Desenvolvimento e subdesenvolvimento	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia crítica	

Título do artigo/ano	Sujeição e resistência: os camponeses gaúchos e a indústria do fumo/1991	
Temática de Nunes (2000)	Agricultura (Pequena produção)	Trata das pequenas unidades de produção camponesas e sua relação com o sistema capitalista.
Abordagem de Alves (2012)	Histórico-dialética	
Fase de Silva (1978)	Desenvolvimento e subdesenvolvimento	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia crítica	

Título do artigo/ano	A questão habitacional e a segregação sócio-espacial em Caxias do Sul/1992	
Temática de Nunes (2000)	Renda da Terra urbana	Trata da valorização imobiliária e da expulsão da população de baixa renda do centro da cidade.
Abordagem de Alves (2012)	Histórico-dialética	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia crítica	

Título do artigo/ano	Santa Cruz do Sul: a realidade agrária local/1992	
Temática de Nunes (2000)	Agricultura (Pequena produção)	Trata das mudanças ocorridas na agricultura europeia e da manutenção das unidades de produção familiares em Santa Cruz do Sul

Abordagem de Alves (2012)	Histórico-dialética	
Fase de Silva (1978)	Desenvolvimento e subdesenvolvimento	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia crítica	

Título do artigo/ano	La frontera Brasil – Uruguay/1992	
Temática de Nunes (2000)	Migrações	Trata da migração da população uruguaia para a região de fronteira com o Brasil.
Abordagem de Alves (2012)	Estatística	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia pragmática	

Título do artigo/ano	A construção tardia do território no norte do Rio Grande do Sul -o caso do antigo município de Passo Fundo/1996	
Temática de Nunes (2000)	Caracterização econômica de regiões	Trata da gênese do município de Passo Fundo, enfatizando o aspecto agrário.
Abordagem de Alves (2012)	Histórico-dialética	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia crítica	

Título do artigo/ano	Espaço-cidadão: a dimensão urbana regional e local/1996	
Temática de Nunes (2000)	Caracterização econômica de regiões	Trata do aspecto urbano das transformações econômicas, sobretudo agrárias, ocorridas em Passo Fundo, nas últimas décadas.
Abordagem de Alves (2012)	Histórico-dialética	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia crítica	

Título do artigo/ano	Considerações sobre as redes técnicas e a organização do território/1996	
Temática de Nunes (2000)	Transportes	Analisa o papel das redes geográficas, especificamente redes técnicas, no fortalecimento do sistema capitalista e na organização do território.
Abordagem de Alves (2012)	Histórico-dialética	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia crítica	

Título do artigo/ano	Reestruturação do espaço urbano: a produção capitalista de
-----------------------------	--

	moradias em Rio Grande / RS (os condomínios verticais)/1997	
Temática de Nunes (2000)	Renda da Terra urbana	Analisou a construção de 35 condomínios verticais viabilizados através de parcerias entre promotores imobiliários e o Estado (através das políticas habitacionais).
Abordagem de Alves (2012)	Histórica	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia pragmática	

Título do artigo/ano	Shopping de descontos - uma perspectiva de revitalização urbana - o caso do DC Navegantes em Porto Alegre/1997	
Temática de Nunes (2000)	Comércio (Shopping centers)	Analisa a inserção de um shopping de descontos em um bairro de Porto Alegre
Abordagem de Alves (2012)	Descritiva	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia pragmática	

Título do artigo/ano	As áreas industriais mais representativas da região centro-oeste do estado do Rio Grande do Sul - 1970 a 1990/1997	
Temática de Nunes (2000)	Indústria (Distritos)	Estudo da industrialização da região centro-oeste do RS através de modelo matemático.
Abordagem de Alves (2012)	Estatística	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia pragmática	

Título do artigo/ano	Uma rota para o MERCOSUL: a ponte Buenos Aires/Colônia e as rotas rodoviárias no Rio Grande do Sul/1997	
Temática de Nunes (2000)	Transportes	Discorre sobre a proposta de integração a partir de rotas rodoviárias.
Abordagem de Alves (2012)	Histórica	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia pragmática	

Título do artigo/ano	Comportamento demográfico da população rio-grandina - período 1940 – 1991/1997	
Temática de Nunes (2000)	Migrações	Estudo das causas de alteração demográfica a partir de dados censitários.
Abordagem de Alves (2012)	Estatística/Histórico-dialética	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia pragmática/crítica	

Título do artigo/ano	O comércio informal de Pelotas: características e contradições no centro histórico da cidade/1998	
Temática de Nunes (2000)	Comércio regional (Estudo de caso)	Estudou o desenvolvimento do comércio informal, identificando o desemprego como causa mais significativa.
Abordagem de Alves (2012)	Histórico-dialética	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia crítica	

Título do artigo/ano	Leitura geográfica e gestão política na sociedade de classes 1998	
Temática de Nunes (2000)	Relações de Trabalho	Discute o conflito capital x trabalho dentro de uma sociedade de classes.
Abordagem de Alves (2012)	Histórico-dialética	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia crítica	

Título do artigo/ano	Reorganização do Espaço Político-Territorial do Rio Grande do Sul: Consequências Demográfico-Econômicas para a Metade Sul/1999	
Temática de Nunes (2000)	Caracterização econômica de regiões	Trata das desigualdades entre a região sul e as demais regiões do RS
Abordagem de Alves (2012)	Comparativa	
Fase de Silva (1978)	Organização do espaço	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia pragmática	

Título do artigo/ano	Espaço Regional e Dinâmica Global - Novos Investimentos no Sul do Brasil/1999	
Temática de Nunes (2000)	Comércio regional (Estudo de caso)	Abertura aos capitais externos, Mercosul e as transformações no sul do Brasil.
Abordagem de Alves (2012)	Causa-efeito	
Fase de Silva (1978)	Desenvolvimento e subdesenvolvimento	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia pragmática	

Título do artigo/ano	Desconcentração Espacial no Sul do País: Uma Análise da Situação Socioeconômica dos Imigrantes que se Destinaram para as Cidades Médias da Região Sul na Década de 80/1999	
Temática de Nunes (2000)	Migrações	Estudo comparativo, sob o ponto de vista econômico, entre imigrantes que se destinaram às cidades médias e imigrantes que se destinaram às regiões metropolitanas.

Abordagem de Alves (2012)	Comparativa	
Fase de Silva (1978)	Desenvolvimento e subdesenvolvimento	
Fase/corrente de Moraes (2007)	Geografia pragmática	

APÊNDICE II

ARTIGOS DESCARTADOS

Década de 1970

Ano	Título	Motivo
1975*	A designação do Guaíba	Discute as definições dadas ao Guaíba, definindo-o como um lago.
1976*	Listagem das atividades científicas do II Encontro Nacional de Geógrafos	Listagem das atividades.
1977**	Subsídio ao estudo da escravatura no sul do estado	Relaciona população total com população preta; apresenta a procedência dos escravos, local de nascimento e domicílio dos escravos gaúchos, composição etária e profissional dos escravos, escravos presos em Rio Grande entre 1857 e 1859 - causas de punição.
1979*	Enchentes sul-brasileiras: um problema de interface atmosfera, hidrosfera e litosfera	Explica a ocorrência da cheia de março de 1974 nos sistemas hidrográficos dos rios Tubarão e Mampituba e propõe medidas para minimizar novos eventos.
1979*	Um rápido e sucinto perfil da cartografia contemporânea	Defende o uso da cartografia para comparar eventos no tempo e no espaço e, também, discorre sobre a evolução da cartografia através do uso de aerofotogrametria, satélites e modelos.
1979**	Rio Grande: justificativa de uma situação geográfica	Apresenta um histórico da criação do núcleo rio-grandense, partindo da construção do presídio e da localização dos poderes administrativo e militar.
1979**	Índice de centralidade de cidades no estado de São Paulo	Estudo para orientar um possível deslocamento do centro administrativo do estado São Paulo, primando pela conectividade.

Década de 1980

Ano	Título	Motivo
1980**	Estrutura urbana de Alegrete	Embora apresente aspectos físicos e econômicos da cidade, o objetivo do trabalho é a aplicação de técnicas de sensoriamento remoto no estudo da estrutura urbana.
1980*	A ilha térmica de Porto Alegre	Trata da formação de ilha térmica na cidade de POA, nos meses de maio e junho de 1979.
1980*	O problema da avaliação em geografia	Trata da avaliação dos alunos de Geografia na educação básica: domínios e características da avaliação, pretensões do professor e o reduzido tempo disponível.
1980*	Composição de um instrumento de avaliação em geografia	Traz orientações sobre a avaliação cognitiva dos alunos de Geografia na educação básica.
1980*	Condicionamento do conhecimento e exercício do poder	Aborda as restrições à aquisição do conhecimento e o exercício do poder a partir dos estudos de Michel

		Foucault.
1981*	Um lago chamado Guaíba	Faz considerações sobre nomes populares e científicos (da ciência geográfica); define lagoa e lago; afirma que o Guaíba foi estuário e agora é lago.
1981*	O ensino da geografia em Santa Maria / RS	A partir da Nova Geografia, estuda a posição dos professores e os fatores condicionantes à adoção de inovações no ensino da Geografia.
1983*	A curva de Lorenz-Thofehrn	Método de determinação da energia do relevo.
1984*	Origem e evolução da AGB no Rio Grande do Sul	Histórico da criação da AGB no RS.
1984*	O complexo flúvio-lacustre do Tramandaí - alguns aspectos e controvérsias	Defende a ideia de que é importante estudar de forma mais aprofundada aquilo que denomina provisoriamente de complexo flúvio-lacustre do Tramandaí. Trata, sobretudo, de aspectos conceituais, geomorfológicos e hídricos.
1984*	Trabalho de campo no ensino da geografia na escola de 1º e 2º graus	Apresenta o trabalho de campo como uma das atividades que permitem ao aluno compreender as interações entre os elementos que atuam na formação e organização do espaço.
1985*	Análise das classificações do relevo para o Rio Grande do Sul	Revisão de estudos de classificação de relevo para o RS. Estudo destinado a fins didáticos.
1985*	Influência da Insolação sobre a Qualidade da Uva	Discorre sobre a relação entre insolação e teor de açúcar nas uvas.
1985**	A Geografia e a Questão dos Agrotóxicos	Trata da questão dos agrotóxicos: capitalismo e legislação, mas o foco principal é o papel do geógrafo e a importância das questões ambientais no ensino de Geografia.
1986**	RS: economia e conflitos políticos na República Velha	Trata-se de uma resenha. A autora da resenha procura identificar a dimensão espacial presente na obra de Pedro C. D. Fonseca. Aborda a disputa política entre maragatos (Sul - monocultura) e chimangos (Norte - policultura).
1986**	Associações de moradores no município de Porto Alegre (RS) - estudo preliminar do associativismo comunitário	Levantamento geográfico e quantitativo do associativismo comunitário.
1986*	A unidade (divisão) da geografia e o sentido da prática	Ensaio sobre teoria geográfica: a geografia como ciência e sua relação com a sociedade.
1986*	Geografia física: uma reflexão	Teoria sistêmica (ou geossistêmica).
1986*	Domínio costeiro do Rio Grande do Sul - uma proposta de análise	Analisa a paisagem do domínio costeiro.
1986*	A importância dos paleoclimas na evolução do domínio costeiro do Rio Grande do Sul	Apresenta o clima como agente dinâmico exógeno decisivo na evolução dos processos geológicos e geomorfológicos.
1986*	Uso do sensoriamento remoto para avaliar de forma expedita alterações introduzidas nos habitats de espécies de campo com valor cinegético	Metodologia para avaliar as condições do ambiente natural (método expedito).
1986*	O exótico e singular ecossistema do Parque Estadual do Espinilho	Estudo de ecodinâmica.
1987**	O estudo geográfico de uma cidade	Discussão a respeito da geografia urbana e do comportamento/atuação do geógrafo urbano.
1987**	Técnicas de pesquisa em geografia urbana: o exemplo de Dois Irmãos	Apresenta resultados de pesquisa e técnicas de levantamento em geografia urbana.

1987*	Geografia física no vale do Maquiné (Osório - RS)	Descreve aspectos físicos do Vale do Maquiné.
1987*	Proposta curricular: elementos para uma discussão	Discussão sobre estrutura e objetivos dos currículos dos cursos de geografia.
1988*	O livro didático e o desempenho pedagógico: anotações de apoio à escolha do livro texto	Orientações para escolha do livro didático.
1988*	A questão do livro didático em geografia: elementos para uma análise	Apresenta os principais aspectos do livro didático de geografia com perspectiva crítica.
1988**	Centralização e descentralização do Estado tecnocrático: alguns pontos para uma abordagem deste "empresário" na teoria gráfica	Discute a atuação do Estado.
1988**	Sobre a divisão administrativa do espaço, convite ao debate e à atuação da comunidade geográfica	Uma orientação para a construção democrática da sociedade brasileira.
1988**	Implicações ambientais: uma avaliação do projeto "Praia do Guaíba"	Prognóstico de implicações ambientais.
1989*	A importância da cobertura florestal para o ecossistema e para a sociedade	Discute a importância da cobertura florestal para o equilíbrio/estabilidade do ambiente natural.
1989*	A trajetória da natureza: um estudo geomorfológico sobre os areais de Quaraí - RS. Uma síntese	Análise geomorfológica da "desertificação".
1989*	A licenciatura de geografia e a articulação com o 1º e 2º graus	Discute a licenciatura em geografia e sua relação com a educação básica.
1989**	Guia de percurso urbano	Propõe a construção de um guia de percurso urbano como prática pedagógica.
1989**	Vila dos Sargentos: ocupação urbana na Ponta da Serraria	Aspectos históricos e sociais relativos à Vila dos Sargentos.

Década de 1990

1991**	Anotações para a democracia como processo de autoconhecimento e transubstanciação dos sujeitos que a realizam e anotações para um saber sobre os sentidos implicados na produção do espaço.	Trata de definir a democracia.
1991**	Movimentos sociais urbanos: o movimento ecológico no Vale do Rio Gravataí, RS	Traz um histórico da degradação ambiental na bacia hidrográfica do rio Gravataí e do surgimento do movimento ecológico.
1991*	Sobre desventuras e diferenças no ensino: só umas poucas palavras	Discussão a respeito do ensino livresco e da desconsideração em relação às teorias da aprendizagem.
1991*	A geografia física no final do século XX	Trata da geografia física e das questões ambientais.
1991*	Mapeamento geomorfológico e ambiental do sudoeste do Rio Grande do Sul: Alegrete	Estudo geomorfológico e ambiental dos areais do município de Alegrete.
1992**	Nações, nacionalidades e a questão	Síntese do pensamento clássico sobre nacionalidade

	federativa: o debate teórico nos campos do liberalismo e do marxismo	e nação.
1992**	Separatismo: autonomia x autoritarismo ou Através da fala dos adolescentes questionamos o senso comum	O separatismo na visão de adolescentes secundaristas.
1992**	Os novos gaúchos e seus novos endereços - população e urbanização no Rio Grande do Sul	Estudo da população do RS.
1992*	Sistemas escalares em geografia	Os sistemas escalares de Yves Lacoste, Peter Taylor e Bertha Becker.
1992*	A cidade nas aulas de geografia	Discussão sobre o tema cidade na geografia, no ensino e nas propostas curriculares.
1992*	O ambiente urbanizado e o clima urbano	Revisão de literatura sobre urbanização e clima urbano.
1992*	Espaço e tempo na geografia que se ensina	Trata da abordagem das noções de espaço e tempo nos livros didáticos de geografia.
1992*	O ensino e a questão regional	Discute o ensino de Geografia e a construção do conhecimento.
1992*	Entrevistas da Diretoria com sócios fundadores da AGB - PA	Entrevista com Casemiro M. Jacobs e Gisela Copstein.
1995**	Rio Grande: o espaço urbano e suas contradições - o caso do Bairro Marluz	Discute a produção do espaço urbano por um grupo de excluídos.
1995*	O geoprocessamento no processo de tomada de decisão	Define geoprocessamento e apresenta um estudo para definir área propícia ao cultivo do mamoeiro.
1996**	Região e rede regional "gaúcha": entre redes e territórios	Discussão referente aos conceitos de região e rede regional.
1996**	População e cidadania	Geografia da população: questões que poderiam ser abordadas nos programas de ensino (educação básica e educação superior).
1996**	A mulher rural	Revisão de literatura sobre estudos de gênero e sobre o papel da mulher na agricultura familiar do RS.
1996**	E agora, como fica o ensino da geografia com a globalização?	Uma discussão/orientação sobre o trabalho do professor de geografia em uma aldeia global.
1996**	Hierópolis e o catolicismo popular brasileiro -uma possível tipologia	Estudo das cidades-santuários (hierópolis).
1996*	Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência	Um texto que discute cidadania, geografia, cotidiano e epistemologia.
1996*	Uma preocupação com o estado da arte das representações cartográficas para as dinâmicas territoriais	Análise de um trabalho de doutoramento relativo à expansão urbana e à dinâmica da população, envolvendo leitura espacial e representação gráfica alternativa.
1996*	O papel da mulher/da profissional na construção da cidadania	Faz uma comparação entre número de mulheres e número de homens nos cursos de graduação da UPF.
1996*	Grupo, espaço e tempo nas séries iniciais	Discute o ensino de estudos sociais nas séries iniciais.
1996*	A geografia é nosso dia-a-dia	Discute a alfabetização geográfica.
1996*	Rio Grande do Sul: morfogênese da paisagem questões para a sala de aula	Relato de um curso ministrado à professores de ensino fundamental, anos iniciais, cujo tema foi morfogênese a partir do uso de mapa.
1996*	Parâmetros e professores	Discute a profissão docente e os PCNs.
1997**	Programa favela-bairro no município	Apresenta e discute o programa favela-bairro, um

	do Rio de Janeiro e política urbana: hipóteses para pesquisa	programa municipal que tem por objetivo transformar a favela em bairro, promovendo uma integração maior entre a população da favela e a cidade formal.
1997**	Planejamento ambiental metodologia para determinar zonas de atenção em Porto Alegre em função dos impactos do transporte urbano	Trata dos problemas ambientais causados pelo transporte urbano.
1997**	Estudo e relatório para o aterro sanitário no bairro Lami	Levantamento do meio antrópico.
1997**	Geografía y ecología: convergencia necesaria para el logro de un desarrollo sostenible	Argumentação sobre a importância da inter-relação entre geografia e ecologia para o estudo do meio ambiente.
1997**	El estudio físico-geográfico sintético: base para un adecuado manejo del medio ambiente	Estudo de aspectos da geografia física da ilha de Cuba.
1997*	A geografia no contexto das ciências	Trata da articulação entre geografia e ciência em uma perspectiva histórica, entre os séculos XVIII e XX.
1997*	O papel social e político da geografia no Brasil - subsídios à história do pensamento geográfico no Rio Grande do Sul	Estudo do papel social e político da geografia no Brasil e no RS.
1997*	Estudos sociais - referenciais teóricos e interdisciplinaridade	Discussão a respeito da geografia e da interdisciplinaridade.
1997*	A geopolítica e "o perfil do eleitor da baixada fluminense"	Trata-se de um estudo de geografia eleitoral (relação entre o processo eleitoral e o território).
1998**	Fundamentos da formação do território moderno	Discute o conceito de território.
1998**	O "Estado-região" Rio Grande do Sul: uma análise do regionalismo "oficial" (e do não-oficial) gaúcho	Discute o conceito de Estado-região, o regionalismo e o movimento separatista gaúcho.
1998**	Distribuição espacial dos municípios emergentes do processo emancipatório. Evolução da territorialidade municipal: algumas considerações	Apresenta e discute o aumento do número de municípios no RS, partindo de 4 municípios em 1809 e chegando a 427 municípios em 1992.
1998**	Novos municípios na fronteira - dinamização da campanha gaúcha?	Investiga e relaciona problemas e potencialidades dos novos municípios.
1998**	Mocambos e malocas num Rio Grande do Sul ainda rural: um estudo sobre a ocupação do bairro Santa Tereza - Rio Grande - RS (1918-1960)	Apresenta um histórico da cidade de Rio Grande e do bairro Santa Tereza.
1998**	Quarta colônia: aspectos de sua identidade cultural / territorial	Trata da história de criação da quarta colônia e dos comportamentos típicos dos imigrantes italianos.
1998**	Tendências e mudanças recentes na organização do espaço em face dos processos de reestruturação econômica global e reforma do Estado	Discute a participação do Estado na organização do espaço. Embora os aspectos políticos e econômicos estejam inter-relacionados, consideramos como sendo um texto de geografia política.
1998**	Geografia e movimentos sociais no processo de globalização em curso:	Discute a relação entre movimentos sociais e Estado.

	apontamentos	
1998**	Geografia e natureza na cidade: uma visão do habitat II	Discute o meio ambiente urbano a partir de uma conferência da ONU realizada no ano de 1996.
1998**	Turismo cultural y espacio regional	Faz uma apresentação do turismo em seus diferentes aspectos.
1998*	Geografia e gênero / geografia feminista - o que é isto?	Debata geografia, feminismo e gênero.
1998*	Mercosul: software para o ensino da geografia através da internet	Trata de tecnologia, informática na escola e mercosul.
1998*	Lei de diretrizes e bases da educação nacional	Trata da LDB: lei 9394/96.
1998*	O ensino da geografia e a nova realidade	Aborda LDB, PCNs, construção de currículo e papel do professor de geografia.
1998*	PCN's: futebolistas e padres se encontram num Brasil que não conhecemos	Relata a posição da AGB/PA em relação aos PCNs e ao professor de geografia, trazendo na sequência, a opinião do autor do artigo.
1998*	O professor, o livro didático e a realidade vivida pelo aluno como recursos para o ensino da geografia	Discute práticas predominantes nas aulas de geografia, envolvendo professor, livro didático e aluno.
1998*	As questões analítico-expositivas no processo ensino-aprendizagem da geografia	Trata de questões analítico-expositivas e de aulas baseadas no cotidiano.
1999**	A Percepção de Estudantes Porto-Alegrenses sobre o Mercosul	Pesquisou o que os estudantes da educação básica sabem sobre o mercosul.
1999**	Região e Regionalismo: Observações Acerca dos Vínculos Entre a Sociedade e o Território em Escala Regional	Discussão conceitual envolvendo os conceitos de região, regionalismo e território.
1999**	Conceitos Regionais: Algumas Notas da Discussão Regionalista	Aborda política territorial, política regional e a ideia de criação do Estado do Piratini.
1999**	Metodologia Para a Realização de Zoneamentos de Culturas Diversas Utilizando as Técnicas de Geoprocessamento - Um Exemplo de Caso: o Trigo no Estado do Rio Grande do Sul	Aborda o uso do geoprocessamento no zoneamento agrícola, usando como exemplo o zoneamento para a cultura do trigo no RS.
1999*	Ensino de Geografia: Uma Proposta Metodológica para o Uso da Literatura Infante-juvenil na Sala de Aula, por Professores de Geografia	Discute o uso da literatura juvenil nas aulas de geografia como complemento ao livro didático.
1999*	A Informática Perante o Ensino de Geografia: um concorrente ou um recurso	Análise dos “softwares” geográficos: METEORO, PC GLOBE e SIM CITY, verificando o papel do professor de geografia neste contexto.
1999*	Representações de Mundo - Iniciando um Trabalho Psicopedagógico em Interface com uma Geografia Fenomenológica	Aborda relações conceituais e operacionais entre atendimento psicopedagógico e representações de mundo.
1999*	A Maquete Como Recurso no Ensino do Relevo	Aborda o ensino do relevo na quarta série do ensino fundamental em escolas de Rio Grande/RS. Considera os estudos de Piaget e a importância do uso de maquete.
1999*	A Interdisciplinaridade na Gestão Ambiental	Procura demonstrar a importância da visão holística quando se trata da questão ambiental.
1999*	Determinação do Grau de	Pesquisou lacunas na formação técnica de

	Conhecimento Ecológico dos Futuros Profissionais Envolvidos na Utilização do Espaço no Sul do Brasil	profissionais que lidam com o ambiente natural.
1999*	A Crise dos Recursos Hídricos	Revisão de conceitos e ideias referentes à água e aos recursos hídricos.
1999*	Planejamento Ambiental: Abordagem Utilizada nas Áreas de Risco a Movimentos de Massa no Município de São Sebastião - Litoral Norte do Estado de São Paulo	Aborda a carta de riscos a movimentos de massa.
1999*	A Abordagem da Circulação Geral da Atmosfera nos Livros Didáticos de Geografia - Estudos de Casos	Analisa a abordagem da climatologia nos livros didáticos de geografia de Ensino Médio.
1999*	O Clima Como Fenômeno Geográfico - Questões Éticas e Filosóficas	Trata dos fenômenos climáticos e dos conhecimentos e técnicas

* Primeira filtragem

** Segunda filtragem